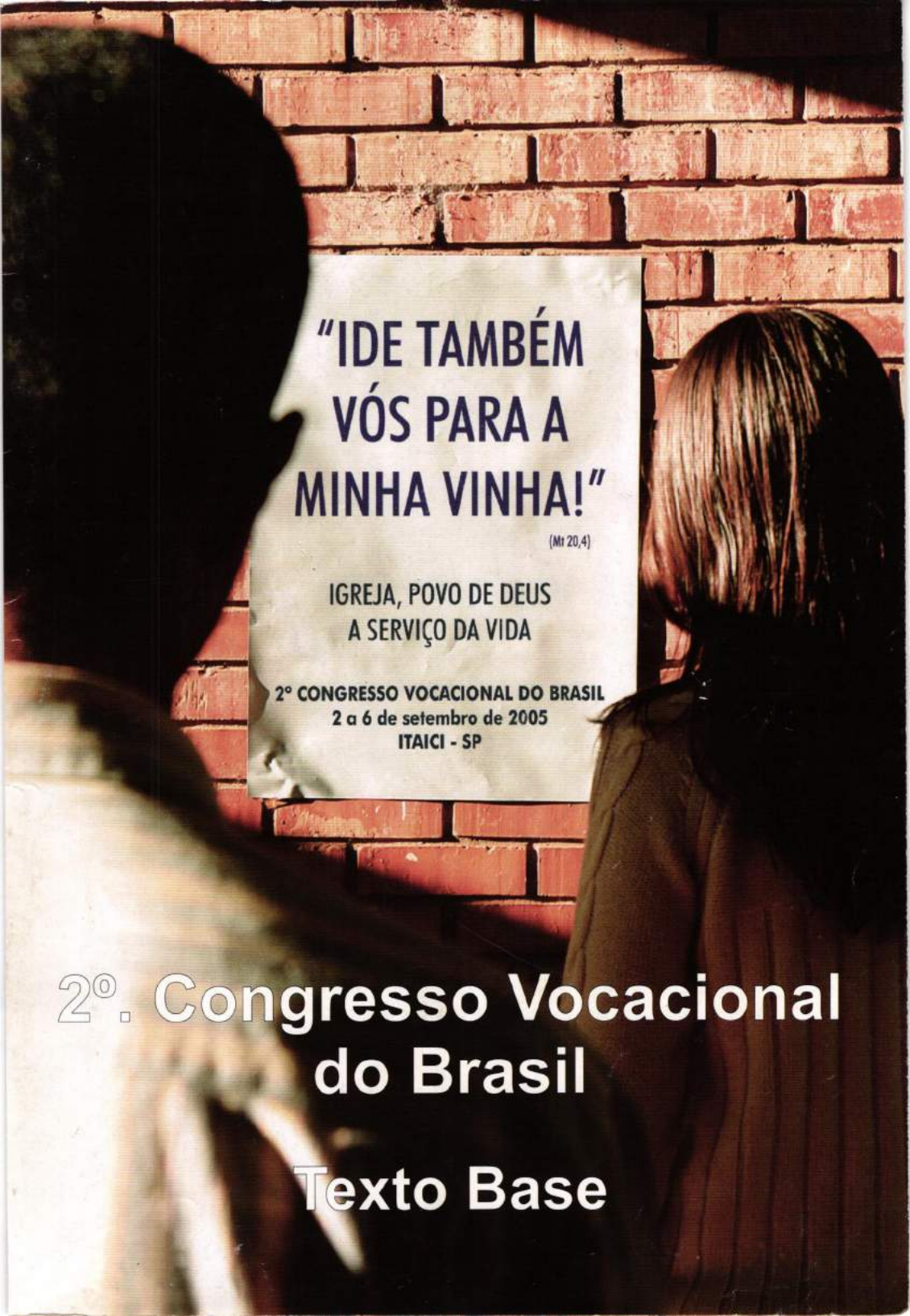




**"IDE TAMBÉM
VÓS PARA A
MINHA VINHA!"**

(Mt 20,4)

**IGREJA, POVO DE DEUS
A SERVIÇO DA VIDA**

**2º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL
2 a 6 de setembro de 2005
ITAICI - SP**

**2º. Congresso Vocacional
do Brasil**

Texto Base

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
Comissão Episcopal de Pastoral para os
Ministérios Ordenados e Vida Consagrada

IGREJA, POVO DE DEUS A SERVIÇO DA VIDA

“Ide também vós para a minha vinha!”

(Mt 20,4)

**TEXTO-BASE DO 2º CONGRESSO VOCACIONAL
DO BRASIL –2005**

Brasília – DF
2004

COMISSÃO EXECUTIVA DO 2º CONGRESSO

Dom Pedro Brito - Presidente

Pe. José Lisboa Moreira de Oliveira, SDV

Pe. Ângelo Mezare

Pe. Paulo Crozera

Ir. Ana Besel

Diác. Zeno Konzen

Pe. Tarcisio Arsênio Rech - assessor

COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL MOVC

Dom Anuar Batistti - Presidente

Dom Gil Antônio Moreira

Dom Esmeraldo Barreto de Farias

Sumário

Apresentação	5
Introdução	7
1. Memória da Animação Vocacional no Brasil	11
1.1. Período anterior ao Vaticano II	12
1.2. A partir do Concílio Vaticano II	13
1.3. A grande crise de vocações	15
1.4. A retomada do dinamismo vocacional	16
1.5. Novo vigor vocacional	17
2. Chamados e enviados à Vinha do Senhor	23
2.1. O texto de Mt 20,1-16	23
2.2. A vinha do Senhor: uma parábola vocacional	26
2.3. Igreja: comunidade vocacional	29
2.4. A praça: lugar vocacional	31
2.5. O vocacionado que envia	32
2.6. Da murmuração à gratuidade	33
2.7. A santidade dos trabalhadores da vinha	34
3. Fundamentos Teológicos e indicações pastorais	39
3.1. Origem trinitária do Povo de Deus	39
3.2. Vocação universal à santidade	42
3.3. Ministerialidade da Igreja e ministérios	44
3.4. Missão: serviço diversificado na vinha	48
3.5. A tarefa do serviço de animação vocacional	50
a) Lugar e tarefa do serviço de animação vocacional ..	51
b) Espiritualidade da animação vocacional	52
c) Itinerário vocacional	53
Conclusão: as três direções convergentes	55
Oração do 2º Congresso Vocacional do Brasil	57

APRESENTAÇÃO

O trabalho de animação vocacional na Igreja do Brasil tem feito uma caminhada que é sinalizada por grandes eventos, como o 1º Congresso Nacional e o Ano Vocacional. Com esse texto-base, desejamos juntos preparar o 2º Congresso Vocacional do Brasil.

Queremos celebrar o 2º Congresso, como expressão da vida e da organização da Pastoral Vocacional e do trabalho de Animação Vocacional realizados, à luz do 1º Congresso e do Ano Vocacional, em todas as comunidades do território nacional. Com a expectativa de que será um grande marco referencial no serviço de animação vocacional, desejamos que todos dêem a sua parcela de contribuição nesta etapa de preparação, nas comunidades, nas dioceses e nos regionais. Faremos deste Congresso uma grande partilha das novas experiências, dos avanços realizados desde o último Congresso e uma retomada, à luz da Palavra e do Concílio Vaticano II, de um novo ardor, na animação vocacional em nossas comunidades.

Todo esse esforço tem sentido, não só pelo evento que vamos celebrar, mas pela realização de nossa missão evangelizadora que nos impele a sair e proclamar a Boa Notícia, fazendo a experiência de contemplar Jesus - Caminho, Verdade e Vida. Este Congresso deverá ser uma experiência vocacional, fruto da contemplação do rosto de Deus que chama, em Jesus, na sua Igreja. Na Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* o Santo Padre afirma: "É absolutamente necessária uma evangelização que não se canse de apresentar o verdadeiro rosto de Deus, o Pai que em Jesus Cristo chama cada um de nós, e o sentido genuíno da própria liberdade humana, qual princípio e força do dom responsável de si mesmo. Só dessa maneira serão colocadas as bases indispensáveis para que cada vocação, incluindo a sacerdotal, possa ser descoberta na sua verdade, amada na sua beleza e vivida com dedicação total e alegria profunda"(PDV 37).

Com o compromisso de dar passos firmes e acertados no caminho vocacional, queremos realizar este 2º Congresso, fundamentados no tema: "Igreja, Povo de Deus a serviço da vida" e como lema, o mandato do Senhor: "Ide também vós para minha vinha!" (Mt.20,4). Esse texto-base está organizado em três grandes capítulos. O primeiro, é um panorama histórico, refazendo todo o processo do trabalho da Pastoral Vocacional e do Serviço de Animação Vocacional. O segundo, é uma reflexão bíblica sobre o lema do Congresso. O terceiro capítulo trata dos fundamentos teológicos da vocação e das indicações pastorais para o trabalho de animação e de pastoral vocacional.

A proposta do 2º Congresso está no espírito da co-responsabilidade eclesial onde "todos os membros da Igreja, sem exceção, têm a graça e a responsabilidade do cuidado pelas vocações. Só na base desta convicção, a pastoral das vocações poderá manifestar o seu rosto verdadeiramente eclesial, desenvolvendo uma ação concorde, servindo-se também de organismos específicos e adequados instrumentos de comunhão e de co-responsabilidade"(PDV 41).

Que o Pastor do Rebanho e Senhor da Vinha esteja conosco e em nossos trabalhos, percorrendo o caminho que nos levará a celebrar o 2º Congresso Vocacional em Itaici, nos dias 02 a 06 de setembro de 2005. Colocamos nas mãos de Maria, Mãe e Mestra de todos os vocacionados do Pai, este Congresso.

Dom Anuar Batistti

Presidente da Comissão Episcopal para os Ministérios
Ordenados e Vida Consagrada

INTRODUÇÃO

1. **E**m 1999 a Igreja no Brasil realizava o seu 1º Congresso Vocacional. Não se tratava, é claro, da primeira vez em que os responsáveis pelas vocações se reuniam para estudo e reflexão. Em outras ocasiões, e em diversos lugares do nosso país, iniciativas semelhantes tinham sido vividas com bastante intensidade. Essas experiências, porém, eram mais localizadas e contemplavam um número reduzido de participantes¹. Somente no final do segundo milênio chegou-se a pensar na possibilidade de um evento que reunisse animadores e animadoras de todo o Brasil, fato que aconteceu de 1º a 5 de setembro daquele ano, com a participação de 400 pessoas.
2. Na avaliação final deste 1º Congresso, os participantes sugeriram que, depois de um certo tempo, fosse realizada uma outra experiência semelhante. A sugestão permaneceu viva nos corações daqueles e daquelas que estavam envolvidos no trabalho vocacional. Nas reuniões conjuntas do então Setor Vocações e Ministérios e nos encontros do Grupo de Assessoria Vocacional (GAV) da CNBB a idéia era sempre retomada e reforçada. Por isso, já na 39ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil (2001), a proposta do 2º Congresso Vocacional foi aprovada por unanimidade do episcopado.
3. Diante disso, durante o 16º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional, realizado em São Paulo (SP), nos dias 17 a 20 de outubro de 2003, houve uma consulta acerca dos encaminhamentos a serem dados ao 2º Congresso. Na ocasião foram sugeridos o tema, o lema e os subsídios a serem utilizados. O Conselho Permanente da CNBB, em sua reunião de dezembro de 2003, aprovou as sugestões dadas. A Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada ficou responsável pela articulação e coordenação do evento.

¹ Cf. CNBB, *A pastoral vocacional no Brasil. História e perspectivas*, Paulus, São Paulo, 1987, pp. 47-64.

4. Entre os subsídios aprovados estava a elaboração de um *texto-base*, que teria como finalidade oferecer o embasamento teológico e as indicações pastorais para as atividades de preparação do 2º Congresso. O presente trabalho visa responder a este desafio, esperando que o seu estudo favoreça o dinamismo da animação vocacional, de modo que muitos homens e mulheres aceitem o convite para trabalhar na vinha do Senhor².
5. O presente texto leva em consideração o tema do próximo Congresso: "Igreja, Povo de Deus a serviço da vida". Contempla o seu *lema*: "Ide também vós para a minha vinha!" (Mt 20,4). Deseja contribuir com o *objetivo geral* do mesmo, que é animar e celebrar a caminhada vocacional da Igreja no Brasil, dentro do contexto dos 40 anos da conclusão do Concílio Vaticano II (1965-2005).
6. Além disso, ele quer colaborar com os *objetivos específicos* aos quais se propõe o 2º Congresso Vocacional: a) reafirmar a consciência de que a Igreja é Povo de Deus, assembléia dos chamados (cf. PDV, 34), convocada e reunida pela Trindade (cf. LG, 4); b) proclamar a vocação universal à santidade, na diversidade das vocações, dos carismas e dos ministérios (cf. LG, 5), para a formação e o desenvolvimento da vida em comunidade (cf. DGAE, 117); c) assumir com renovado ardor a organização dos meios para o surgimento, a promoção e o acompanhamento das vocações para os ministérios ordenados, a vida consagrada e ministérios dos cristãos leigos e leigas; d) fortalecer a convicção de que toda vocação é para a missão, serviço à pessoa humana, particularmente aos pobres e excluídos (cf. GS).
7. O presente texto-base está dividido em *três partes*. Na primeira se fará uma *memória* da caminhada vocacional da Igreja no Brasil. Será uma tentativa de situar o 2º Congresso Vocacional

² Neste texto iremos usar três expressões para designar o cuidado pelas vocações. A primeira será *Serviço de Animação Vocacional (SAV)*, entendendo com isso a ação de toda a comunidade em favor das vocações. A segunda expressão será *Pastoral Vocacional (PV)*, bastante conhecida, mas aqui usada somente para indicar o esforço das Igrejas locais no sentido de que a dimensão vocacional esteja sempre presente em todos os âmbitos da pastoral orgânica das comunidades; trata-se da organização e estruturação do SAV, responsabilidade que compete em primeiro lugar ao bispo e ao seu presbitério. Por fim, a terceira expressão a ser usada será *Animação Vocacional* para falar ao mesmo tempo do SAV e da PV.

na trajetória de um caminho percorrido. Relembrando os principais acontecimentos da história da animação vocacional em nosso país, busca-se aprender as lições de um passado rico de significado para o momento atual em que estamos vivendo. Ao mesmo tempo, seguindo a orientação do papa João Paulo II, teremos a oportunidade de “purificar” a nossa memória, reconhecendo o que não deu certo, a fim de pedirmos perdão e enveredarmos pela trilha da conversão.

8. Na sua segunda parte, o texto-base aprofundará o *lema* do Congresso. Para facilitar a sua compreensão será feito um estudo da parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20,1-16). Tal reflexão considerará não só o texto em si, mas o contexto no qual ele surgiu. Serão analisados alguns conceitos, tais como Reino de Deus, vinha, trabalhador, trabalho, salário, praça, desempregados e assim por diante. Veremos a relação disso tudo com o tema da vocação e da missão. Serão apresentadas algumas indicações concretas para a pastoral vocacional e para o serviço da Igreja no campo das vocações.
9. A última parte do texto irá tratar dos *fundamentos teológicos* e das *indicações pastorais*. Partindo da afirmação de que a Igreja, Povo de Deus, tem uma origem trinitária, a reflexão tentará avaliar criteriosamente o sentido e o verdadeiro lugar das vocações e dos ministérios na vinha do Senhor. Nesta perspectiva será analisada a questão da vocação universal à santidade e da ministerialidade, vendo as vocações específicas como serviço à missão da Igreja no mundo. Por fim, acenará para o lugar e a tarefa do Serviço de Animação Vocacional, a urgência de uma espiritualidade e a necessidade de um itinerário para o acompanhamento dos vocacionados e vocacionadas.
10. Na construção deste texto-base foi priorizada a teologia e a eclesiologia do Concílio Vaticano II, uma vez que o 2º Congresso Vocacional quer ser um espaço de *ressonância* deste acontecimento eclesial, responsável pelo grande dinamismo da nossa Igreja nesses últimos 40 anos. De fato, este Concílio resgatou o conceito de Povo de Deus, recuperou a mística da vocação universal à santidade e incentivou a comunidade cristã

a redescobrir a riqueza dos carismas, ministérios e serviços existentes dentro dela.

11. Além disso, procurou-se valorizar a nossa caminhada vocacional, resgatando os fatos mais significativos da nossa experiência. Nas reflexões que virão em seguida, estão as diferentes práticas de animação vocacional provindas da vida e do dinamismo de nossas Igrejas diocesanas. Trata-se de uma práxis valiosa, consolidada na riqueza da diversidade, na beleza da multiplicidade das mais diversas regiões e realidades desse nosso país continental. Assim a preparação para o próximo Congresso dará continuidade ao que foi construído pelo primeiro Congresso e pelo Ano Vocacional 2003.

1. MEMÓRIA DA ANIMAÇÃO VOCACIONAL NO BRASIL

12. A realização do 2º Congresso Vocacional do Brasil acontecerá no contexto da celebração dos *40 anos da conclusão do Concílio Vaticano II*. Isso nos permite começar este texto-base com a memória da atividade vocacional em nosso país, especialmente nessas últimas quatro décadas³. Veremos que a celebração do próximo Congresso vai situar-se dentro de uma caminhada rica de acontecimentos e de marcos significativos. Daremos um destaque especial ao último Concílio, uma vez que ele, no dizer de João Paulo II, não perdeu o seu valor e a sua beleza. Enquanto *grande graça para a Igreja, “nele se encontra uma bússola segura para nos orientar no caminho do século que começa”*⁴.
13. Damos início ao nosso texto com a *memória* porque a consideramos essencial para a nossa vida cristã. De fato, não podemos pensar que estamos inventando a Igreja ou imaginar que o passado não tenha nenhum sentido. O judaísmo e o cristianismo são, por excelência, as religiões da memória e do memorial. A própria Escritura nos convida a olharmos para a trajetória dos antepassados, a fim de percebermos as maravilhas de Deus (cf. Dt 26,4-10) e aprendermos com eles a experiência da fé (cf. Hb 13,7).
14. Se Deus quis estabelecer a sua aliança “no terreno da história”⁵, então não podemos, de forma alguma, esquecer o caminho percorrido pelos irmãos e irmãs que vieram antes de nós⁶. Além disso, a contemplação da nossa história nos permite “purificar a

³ Para um aprofundamento da história da animação vocacional no Brasil veja-se OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Evangelho da Vocação. Dimensão vocacional da Evangelização*, IPV – Loyola, São Paulo, 2003, pp. 17-35; ID., *Igreja: Povo de servidores – o Serviço de Animação Vocacional da CNBB*, em *Encontros Teológicos* 17 (2002), nº 1, pp. 119-136; CNBB, *A Pastoral Vocacional no Brasil. História e perspectivas*, Paulus, São Paulo, 1987; ID., *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, Paulus, São Paulo, 1983; ID., *Vocações e Ministérios para o Novo Milênio. Texto-Base do 1º Congresso Vocacional do Brasil*, Brasília, 1998, pp. 2-9; ID., *Batismo, fonte de todas as vocações. Texto-Base do Ano Vocacional 2003*, Brasília, 2002, pp. 11-32.

⁴ JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, nº 57.

⁵ *Ibid.*, nº 5.

⁶ No período apostólico a catequese da Igreja consistia em contar para os catecúmenos “o que tinha acontecido no caminho” (Lc 24,35), ou seja, em partilhar a própria experiência de fé. O *kerigma*, isto é, a pregação inicial acerca da morte e ressurreição de Jesus, incluía momentos significativos da memória das maravilhas de Deus, realizadas no passado (cf. At 2,14-36; 3,11-26; 7,1-54; 13,17-43).

memória”, dando-nos conta de que, em muitos aspectos, “nem sempre brilhou o espírito evangélico”. Neste sentido a recordação do passado nos permite também reforçar “os nossos passos no caminho para o futuro, tornando-nos ao mesmo tempo mais humildes e vigilantes na nossa adesão ao Evangelho”⁷.

1.1. Período anterior ao Vaticano II

15. Quando, em 1500, os portugueses chegaram ao Brasil, a Igreja vivia tempos muito difíceis. Na Europa ela se deparava com o movimento que culminou na *reforma protestante*. O clima era o da *cristandade*, ou seja, da religião atrelada ao Estado⁸. Estava em vigor o regime do *padroado*, através do qual os papas concediam aos soberanos portugueses o direito de administração dos negócios eclesiásticos. Na prática isso significava uma ingerência da Coroa portuguesa sobre a vida concreta da Igreja no Brasil, inclusive no que diz respeito aos aspectos vocacionais.
16. Por muito tempo, Portugal irá decidir o futuro do clero, como, por exemplo, as nomeações de bispos e a vinda ou não de congregações. Havia assim uma identificação entre Igreja e Estado, embora, no final das contas, o que existia era uma verdadeira subordinação da Igreja ao Reino português, coisa que perdurará também durante o Império, até a proclamação da República⁹.
17. No ano de 1549, com a chegada do primeiro governador geral, Tomé de Souza, desembarca na Terra de Santa Cruz um projeto evangelizador de contra-reforma. A ação da Igreja no Brasil estará vinculada ao concílio de Trento, sobretudo no campo vocacional. Neste âmbito a preocupação é com a questão das vocações sacerdotais e da implantação dos seminários, de acordo com as prescrições tridentinas. No começo havia um desejo de

⁷ JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n° 6.

⁸ Cf. AZZI, R., *A Sé primacial de Salvador. A Igreja Católica na Bahia (1551-2001)*, volume I – Período Colonial, Vozes – UCSAL, Petrópolis, 2001.

⁹ Cf. *ibid.*, pp. 20-24.

¹⁰ Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, “Limpeza de sangue”: exemplos de preconceitos vocacionais”, em *Espírito* 88 (março de 2002), pp. 6-20.

incrementar o cultivo das vocações nativas, mas essa idéia foi logo barrada pelo preconceito racial e religioso¹⁰.

18. Este modelo de projeto vocacional permanecerá em vigor até praticamente a realização do Concílio Vaticano II. Mesmo depois da criação da CNBB (1952), a animação vocacional seguiu os moldes de Trento¹¹. "A Pastoral Vocacional, antes do Concílio, é caracterizada principalmente pela ênfase nas vocações sacerdotais e por uma intensa campanha junto ao povo, especialmente através da Obra das Vocações Sacerdotais (OVS). A OVS tem como finalidade principal rezar pelas vocações e obter recursos para a manutenção dos Seminários"¹²

1.2. A partir do Concílio Vaticano II

19. O Concílio Vaticano II representou uma verdadeira reviravolta para toda a comunidade cristã¹³. No Brasil este evento eclesial encontrou grande acolhida. Os nossos bispos, respondendo ao apelo do papa João XXIII feito ao CELAM no dia 15 de novembro de 1958, prepararam-se para essa surpreendente transformação. Através do Plano de Emergência (PE) lançado em 1962, ainda no início do Concílio, a CNBB quis mobilizar todas as forças para colocar a Igreja em condições de responder aos desafios daquele momento e de receber as propostas conciliares.

20. Além da reorganização de seu método, da elaboração de projetos, a nossa Igreja deu início a uma ação dinâmica, visando despertar a consciência vocacional do povo de Deus. Por meio de uma eclesiologia de comunhão, pensou não só na questão dos presbíteros, mas também na participação efetiva dos cristãos leigos e das cristãs leigas. Neste sentido, a diocese e a paróquia foram vistas não como puras instâncias burocráticas, administrativas, mas como autênticos espaços onde todo o povo de Deus respondia, em comunhão, ao chamado divino. Estas iniciativas levaram à descoberta de uma nova eclesiologia. Isso

¹¹ Cf. CNBB, *A Pastoral Vocacional no Brasil. História e perspectivas*, pp. 17-25.

¹² *Id.*, *Guia pedagógico de Pastoral Vocacional*, p. 9.

¹³ Veja-se GONÇALVES, P. S. L. e BOMBONATTO, V. I. (org.), *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*, Paulinas, São Paulo, 2004.

¹⁴ Cf. CNBB, *A Pastoral Vocacional no Brasil. História e perspectivas*, pp. 41-42.

contribuiu para a efetivação de uma maior comunhão e de uma maior participação de todas as pessoas batizadas¹⁴.

21. Por causa desta capacidade de percepção dos “sinais dos tempos”, logo após o Concílio, vamos encontrar “uma Igreja confiante, organizada e até otimista, apesar da consciência de muitos problemas antigos e de novos desafios emergentes”¹⁵. Assim, já no primeiro Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) da CNBB, elaborado para o período 1966-1970, foi inserida uma grande preocupação com a dimensão vocacional. Este plano previa um Secretariado Nacional de Vocações (SNAV) e um Instituto Superior de Pastoral Vocacional (ISPAV), com o objetivo de promover uma reflexão teológico-pastoral, a formação de animadores e animadoras vocacionais e incentivar atividades da animação vocacional¹⁶.
22. Durante a 11ª Assembléia Geral do Episcopado, ocorrida em 1970, os bispos do Brasil voltaram a assumir a pastoral vocacional como prioridade. Em 1971, com a 12ª Assembléia Geral, entram em vigor os novos estatutos da CNBB. Neles determina-se a criação do Setor Vocações e Ministérios, que passa a integrar a Linha 1, pensada inicialmente para animar o Povo de Deus na sua *unidade* e na *pluriformidade* de respostas. A partir desta perspectiva a preocupação com as vocações deixa de estar voltada somente para as vocações sacerdotais. Sentê-se a influência decisiva da *Lumen Gentium*, que fala da vocação universal à santidade e da diversidade de caminhos para se chegar à vivência plena da vocação divina.
23. As vocações específicas (dos cristãos leigos e leigas, da vida consagrada e dos ministérios ordenados) são vistas a partir da universalidade do chamado à santidade, cujo fundamento e embasamento é a vocação *baptismal*. Em 1973, a 14.ª Assembléia Geral da CNBB volta a ocupar-se da questão vocacional, mas insiste sobretudo na necessidade do acompanhamento das diversas formas de vocações e ministérios. Era já visível a crise

¹⁵ ID., *Guia pedagógico de Pastoral Vocacional*, pp. 9-10.

¹⁶ Cf. ID., *A Pastoral Vocacional no Brasil. História e perspectivas*, pp. 42-47.

¹⁷ Cf. ID., *A Pastoral Vocacional. Realidade, reflexões e pistas*, Paulus, São Paulo, 1974, pp. 46-49.

vocacional pós-conciliar marcada pelo abandono do ministério ordenado e da vida consagrada por milhares e milhares de pessoas¹⁷.

1.3. A grande crise de vocações

24. Já a partir do final da década de 1960, em todo o mundo, emergiu uma crise violenta no âmbito vocacional. Essa era caracterizada pelo abandono do presbiterado e da vida consagrada e pela diminuição acelerada dos candidatos e candidatas. O fenômeno perdurou até mais ou menos o ano de 1980. Convém notar, todavia, notar que a Igreja no Brasil soube encaminhar a questão vocacional de maneira séria e honesta. Procurou aprender também com a crise, vendo nesta situação uma espécie de “sinal dos tempos”. Desta forma foi capaz, por exemplo, de perceber que a crise instalada era fruto normal do processo de purificação trazido pela clareza dada pelo evento conciliar.
25. Em diversas ocasiões os bispos, com humildade, mas também com determinação, perceberam que era necessário fazer opções pastorais prioritárias, das quais iriam depender a renovação e o revigoreamento da Igreja, também no campo da animação vocacional¹⁸. Evitando uma visão ingênua e simplista, olharam a realidade de forma mais correta e científica, tentando identificar as causas que estavam por trás da crise. Perceberam fatores sociais, políticos, econômicos, mas também causas internas que contribuíam para o agravamento da situação.
26. Naquela ocasião a Igreja percebeu que o Brasil estava mudando e que ela também precisaria mudar. Era necessário, antes de tudo, rever a *metodologia* no tocante à pastoral vocacional. Diante desta situação seria indispensável: a) enfatizar a dimensão *missionária* da evangelização; b) rever o conceito de pastoral e a sua prática, passando da pastoral de “conservação” para a evangelização; c) cuidar da dimensão vocacional de toda a Pastoral Orgânica, evitando que a questão vocacional fosse apenas um apêndice ou uma atividade paralela àquela de toda a Igreja; d) olhar a pastoral vocacional como dinamismo da Educação da Fé em Comunidade; e) fazer a dimensão vocacional interagir com a Catequese, com a

¹⁸ Cf. *ibid.*, pp. 49-50.

¹⁹ Cf. *ibid.*, pp. 50-63.

Juventude, com a Família e com as Comunidades Eclesiais de Base e outros espaços de atuação de adultos cristãos e de cristãos adultos; f) organizar a pastoral vocacional nas dioceses e paróquias, com a constituição das Equipes Vocacionais¹⁹.

1.4. A retomada do dinamismo vocacional

27. A experiência cristã nos ajuda a ver toda crise como algo positivo. De fato, ela é, em si, uma espécie de *acrisolamento*, ou seja, purificação de elementos ruins, para a descoberta dos verdadeiros valores. Desta maneira, a crise vocacional que atingiu também o Brasil na década de setenta serviu para abrir os horizontes da Igreja na direção de outros elementos da animação vocacional. Assim sendo, a partir de 1973 a pastoral vocacional da Igreja no Brasil vai dar maior atenção à vocação e à missão dos cristãos leigos e leigas e aos novos ministérios que a eles podiam ser confiados.
28. A crise serviu para mostrar que havia uma *concentração* de ministérios na pessoa do presbítero e que estava na hora de iniciar uma diversificação. Com isso começa a brotar uma das experiências mais significativas da Igreja no Brasil: o fervilhar de uma grande variedade de ministérios e de serviços. Ao mesmo tempo ia ficando claro que “as vocações específicas (presbiterato, vida religiosa) bem como os ministérios não são funções burocráticas, mas especificações, que manifestam, pelo seu testemunho, o mistério de comunhão eclesial, a serviço da humanidade local e concreta”²⁰.
29. Neste contexto bastante sofrido surgiam novas luzes. A diversificação dos ministérios levou ao acolhimento e à valorização do *diaconado permanente* restaurado pelo Concílio Vaticano II²¹. As instituições de formação de presbíteros passaram por uma profunda revisão, buscando adaptar-se à nova realidade. Seguindo as diretivas deste Concílio, a Igreja percebeu que o eixo principal da formação presbiteral era o *pastoral*, ou seja, a preocupação de formar verdadeiros *pastores* do povo.

²⁰ *Ibid.*, p. 66.

²¹ Sobre o diaconado permanente no Brasil veja-se CNBB, *Diretrizes para o Diaconado Permanente. Formação, vida e ministério do diácono permanente da Igreja no Brasil*, Paulinas, São Paulo, 2004.

Todas as outras dimensões da formação deviam estar intimamente relacionadas a essa exigência (cf. OT, 4).

30. Havia também a preocupação de que a formação fosse diversificada, encarnada, de acordo com a realidade das Igrejas locais, sem, porém, perder a relação com a Pastoral Orgânica da Igreja no Brasil. Neste período foi bastante significativa a experiência eclesial que sabia unir perfeitamente a inserção concreta nos contextos específicos de cada diocese e a abertura para uma dimensão mais universal. Foi o tempo forte de ações bem localizadas, tempo dos mártires, mas também do auge de atividades que atingiam todo o Brasil, como, por exemplo, a Campanha da Fraternidade²².

1.5. Novo vigor vocacional

31. Todo o processo de mudança e de incremento de uma nova animação vocacional, iniciada no período do Concílio Vaticano II, vai culminar com a aprovação, em 1981, durante a 19ª Assembléia Geral da CNBB, de três grandes eventos: a elaboração de um *Guia Pedagógico de Pastoral Vocacional*, a consagração do ano de 1983, como *Ano Vocacional* e a instituição do mês de agosto como *Mês Vocacional*²³.
32. Estes três acontecimentos contribuíram para a conscientização vocacional do povo. Isso dava início a um novo período, a uma nova fase da animação vocacional no Brasil que se revelará plena de vigor e de muito dinamismo. Incrementa-se, por exemplo, a criação, nos Regionais, de Centros de formação para quem fazia o acompanhamento das vocações. Cada Regional, por sua vez, buscará organizar a sua Equipe de Vocações e Ministérios, animada por um bispo, mas com uma coordenação própria. Esta Equipe Regional passaria a ser o centro de articulação do trabalho vocacional no Regional com as orientações da CNBB Nacional e com cada uma das dioceses²⁴.

²² Cf. ID., *A Pastoral Vocacional. Realidade, reflexões e pistas*, pp. 65-106.

²³ Cf. ID., *Vida e Ministério dos Presbíteros – Pastoral Vocacional*, Paulinas, São Paulo, 1981, nn. 257-259.

²⁴ Cf. *ibid.*, nn. 261-264.

33. Por outro lado, a publicação do Guia Pedagógico ajudou na elaboração de um primeiro esboço de teologia da vocação e das vocações, de acordo com a perspectiva lançada pelo Vaticano II e, mais tarde, pelas Conclusões de Puebla. A realização do primeiro Ano Vocacional (1983) e a rápida adesão ao Mês Vocacional (agosto), contribuíram para a criação de uma verdadeira mentalidade vocacionista nas comunidades. Com isso, multiplicaram-se as iniciativas e as atividades vocacionais nas dioceses e paróquias. Essa conscientização vocacional foi despertando os jovens e as jovens para uma opção vocacional na vida consagrada e nos ministérios ordenados. Aos poucos a crise vai sendo superada e se nota um aumento progressivo das vocações.
34. Com o passar do tempo a pastoral vocacional vai sendo estruturada e dinamizada em quase todos os Regionais, graças ao impulso que é dado a partir do Setor Vocações e Ministérios da CNBB. Também o processo de formação dos presbíteros vai definindo o seu rosto através das primeiras Diretrizes Básicas aprovadas em 1984. Em 1987 tem início uma série de Sínodos de Bispos dedicados às vocações específicas. Deles surgem as exortações apostólicas do papa João Paulo II, as quais vão influenciar decisivamente no rumo da animação vocacional em nosso país²⁵
35. No ano de 1993 surge o Instituto de Pastoral Vocacional (IPV), com sede em São Paulo, reunindo congregações e institutos de carisma vocacional, com o objetivo de somar forças para servir a Igreja no campo das vocações. Em 1995, após a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, as Diretrizes para a formação dos presbíteros passam por uma nova revisão e são aprovadas. Tal revisão é feita através de um grande mutirão envolvendo os

²⁵ O Sínodo de 1987 foi dedicado à vocação e missão dos cristãos leigos e leigas e a partir dele o papa escreveu a Exortação Apostólica *Christifideles laici* (30/12/1988). Em 1990 realizou-se o Sínodo sobre a formação dos presbíteros, com a conseqüente Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* (29/03/1992). Em 1994 teve lugar a IX Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos que refletiu sobre a vocação e a missão da Vida Consagrada. Em 1996 João Paulo II publicava a sua Exortação *Vita consecrata* (25/03/1996). Por fim, em 2001, celebrou-se o X Sínodo dos Bispos sobre a vocação e a missão do bispo. Em 16 de outubro de 2003 João Paulo II oferecia à Igreja a Exortação Apostólica *Pastores gregis*.

²⁶ Cf. CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, Paulinas, São Paulo, 1999.

formadores, os formandos, bispos, presbíteros, pessoas de vida consagrada, cristãos leigos e leigas.

36. Em 1999, durante a 37ª Assembléia Geral da CNBB, foi aprovado o "Documento 62" sobre a Missão e os Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas²⁶. Este documento, como tantos outros do episcopado brasileiro, é muito importante porque reúne num texto oficial as premissas teológicas mais significativas que nasceram a partir de uma longa experiência. Nele confluíram a práxis e a reflexão por ela suscitada. Partindo do princípio de que a evangelização é tarefa de todo o Povo de Deus, o documento reconhece a *plena cidadania eclesial* dos cristãos leigos e leigas. Além disso, afirma com clareza a legitimidade e a necessidade da *variedade* de vocações e de ministérios para a edificação da Igreja²⁷.
37. Ainda neste mesmo ano de 1999 acontece, de 1º a 5 de setembro, em Itaici, Indaiatuba (SP), o 1.º Congresso Vocacional do Brasil. Este Congresso foi proposto pelo IPV em 1997, durante o 13º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional. A proposta foi estudada durante a reunião conjunta do Setor Vocações e Ministérios da CNBB, realizada em Belo Horizonte (MG) no mesmo ano de 1997. Em seguida recebeu a aprovação e o apoio dos bispos do Brasil. Este primeiro Congresso Vocacional teve como objetivo recolher e aprofundar a rica experiência da Igreja do Brasil no campo das vocações, preparando-a para entrar bem animada e disposta no terceiro milênio. Deste evento, que contou com a presença de 400 animadoras e animadores vocacionais, vindos de todo o Brasil, surgiu o *Documento Final*, cujas diretrizes continuam impulsionando a caminhada da animação vocacional em nosso país²⁸.
38. Por fim, nesta última etapa de nossa história convém registrar o significado da realização, em Belo Horizonte (MG), no mês de agosto de 2000, do 1º Seminário Nacional sobre a Formação

²⁷ Cf. *ibid.*, nº 62.

²⁸ Cf. ID., *Vocações e Ministérios para o Novo Milênio. Documento Final do 1º Congresso Vocacional do Brasil*, Brasília, 1999.

²⁹ Cf. ID., *Metodologia do processo formativo: a formação presbiteral da Igreja no Brasil*, Paulus, São Paulo, 2001.

Presbiteral. A partir das reflexões feitas durante este seminário foi elaborado o texto *Metodologia do processo formativo*, número 83 da coleção “Estudos da CNBB”, contendo valiosíssimas sugestões para a formação presbiteral, com repercussões também no âmbito da animação vocacional²⁹.

39. No contexto da entrada do terceiro milênio tem início uma reflexão sobre a oportunidade da realização de um outro ano vocacional. A proposta foi levada à CNBB por algumas instâncias eclesiais que atuavam no âmbito da animação vocacional. Na 39ª Assembléia Geral do Episcopado (2001) a idéia foi aprovada por unanimidade. Escolheu-se o ano de 2003, ocasião em que se celebraria o 20º aniversário do primeiro Ano Vocacional (1983). Para a consecução deste Ano Vocacional foram elaborados vários subsídios. O mais significativo deles foi o texto-base, o qual partiu de uma pesquisa realizada pelo então Setor Vocações e Ministérios da CNBB, em parceria com o IPV, sobre a aplicação do Documento final do 1º Congresso Vocacional. Os dados da pesquisa contribuíram significativamente para a definição do conteúdo do texto-base.
40. Durante o 16º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional, em outubro de 2003, na cidade de São Paulo (SP), foi feita uma primeira avaliação deste segundo Ano Vocacional. Percebeu-se que os seus frutos foram muitos e altamente significativos. Entre os resultados positivos estão: o aumento da consciência vocacional das comunidades, a redescoberta da universalidade da vocação e a valorização das equipes vocacionais paroquiais e diocesanas. Além disso, o Ano Vocacional de 2003 ajudou a perceber melhor o sentido e o valor da vocação batismal e a retomar muitas iniciativas que tinham sido deixadas de lado. Criou uma linguagem nova, favorecendo uma melhor compreensão da teologia da vocação e das vocações. Em muitos lugares ele reacendeu o entusiasmo, um novo ardor e grande paixão pela animação vocacional.
41. Ainda na Assembléia Geral de 2001, também por unanimidade, os bispos do Brasil aprovaram a realização do 2º Congresso Vocacional para o período de 2 a 6 de setembro de 2005, em

Itaici. A partir da aprovação do episcopado, começa a mobilização em vista da preparação deste grande evento vocacional. Por isso, durante o 16º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional, fez-se a escolha do tema, do lema e dos objetivos deste próximo Congresso Vocacional, os quais foram aprovados depois, em dezembro de 2003, pelo Conselho Permanente da CNBB.

42. No ano de 2001, em Brasília, teve lugar o 15º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional que refletiu sobre a *ministerialidade* da Igreja e sobre os ministérios. Deste encontro nasceram algumas *Conclusões* que foram amplamente divulgadas³⁰. Nelas se destacam a importância e a urgência de uma Igreja que se reconheça “toda ministerial”, ou seja, a serviço da humanidade. E para que ela atinja este objetivo é indispensável promover o protagonismo de todos os batizados e batizadas, através de uma diversificação e multiplicação dos ministérios.
43. No percurso que fizemos é possível notar uma perfeita *interação* entre as pessoas que estão atuando nas comunidades locais e as instâncias de coordenação. Podemos afirmar, sem medo, que esta é uma das marcas características da Igreja no Brasil, na sua experiência de pós-concílio. A preocupação com a participação de todas as pessoas batizadas, o envolvimento concreto delas na preparação, elaboração e execução de atividades revela o pioneirismo da nossa Igreja. Também o 2º Congresso Vocacional que estamos preparando e que iremos celebrar em 2005, deseja dar continuidade a esta praxe evangélica. Todos os cristãos e cristãs, enquanto “concidadãos dos santos” (Ef 2,19), são convidados e enviados a trabalhar na vinha do Senhor.

³⁰ Cf. CNBB-SVM-GAV, *Ministerialidade da Igreja e Ministérios. Conclusões do 15º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional*, Brasília, 2001.

Para meditar e responder em grupo

1) Qual o significado da história da animação vocacional para nós hoje?

2) O que fazer para recuperar o valor da memória histórica?

3) Que aspectos da memória histórica da animação vocacional no Brasil você destacaria?

4) Como realizar uma memória que seja densa de significado profético?

5) Quais os marcos mais significativos da caminhada vocacional da nossa diocese e/ou paróquia?

6) Em que direção estes marcos estão apontando? Existe algo que precisa ser purificado?

Para a dinamização desta primeira parte

1) Montar uma exposição de fotografias, de documentos, subsídios, textos e outros materiais vocacionais produzidos a partir do Concílio Vaticano II. Escolher uma data para fazer a exposição, de preferência durante o mês vocacional de 2005. Se a exposição for organizada pela diocese, se poderia começar antes, montando-a em cada uma das paróquias e/ou comunidades.

2) Fazer uma pesquisa para conhecer as pessoas da comunidade que viveram a experiência do Concílio Vaticano II e que acompanharam a história da animação vocacional no Brasil. Convidar essas pessoas para darem depoimentos durante os encontros de estudo deste texto-base. Onde for possível, montar um vídeo com o testemunho dessas pessoas e usá-lo neste estudo.

2. CHAMADOS E ENVIADOS À VINHA DO SENHOR

44. Esta parábola está *emoldurada* pelo dito de Jesus: “Muitos que são primeiros serão últimos, e muitos que são últimos serão primeiros” (Mt 19,30; 20,16). Quer também responder à pergunta de Pedro: “Olha! Nós deixamos tudo e te seguimos. Que haveremos de receber?” (Mt 19,27). Este questionamento levantado pelo apóstolo pode parecer, num primeiro momento, uma pretensão de querer colocar condições para o seguimento. Mas, na verdade, o evangelista deseja apenas chamar a atenção para as conseqüências de uma decisão tomada.
45. Originariamente pronunciada em contexto polêmico contra os adversários de Jesus, a parábola expressa a generosidade de Deus que acolhe em seu Reino os trabalhadores que chegam por último no serviço da vinha³¹. Mateus apresenta a desconcertante bondade do Senhor que não paga seus operários de acordo com o tempo de trabalho ou o serviço realizado, mas age com generosidade e misericórdia. Com isso o Evangelho supera a ideologia do legalismo farisaico, calcado também na “teologia da *meritocracia*”. Segundo tal concepção, o valor da ação humana precede o dom de Deus. Este passa a ser devedor da ação humana. As obras tornam o ser humano justo e merecedor da recompensa divina.

2.1. O texto de Mt 20,1-16³²

46. “Pois o Reino dos Céus é como o proprietário que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha. Combinou com os trabalhadores a diária e os mandou para a vinha. Em plena manhã, saiu de novo, viu outros que estavam na praça, desocupados, e lhes disse: *‘Ide também vós para a minha vinha! Eu pagarei o que for justo’*. E eles foram. Ao meio-dia e em plena tarde, ele saiu novamente e fez a mesma coisa. Saindo outra vez pelo fim da tarde, encontrou outros que estavam

³¹ Cf. Mt 20,12-16. Convém observar que Mateus prefere a expressão “Reino dos céus” ao invés de “Reino de Deus”. A Bíblia do Peregrino traduz o termo grego *Basiléia* pela expressão *Reinado*. A Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB) usa o termo “Reino” apenas quando se refere ao âmbito (cf. Mt 5,19-20). Nos outros casos prefere a expressão “Reinado”. Veja o comentário da TEB feito ao texto de Mt 3,2.

³² Todos os textos bíblicos aqui citados são da Bíblia Sagrada, tradução da CNBB

na praça e lhes disse: 'Por que estais aí o dia inteiro desocupados?'. Eles responderam: 'Porque ninguém nos contratou'. E ele lhes disse: 'Ide também vós para a minha vinha'.

47. Ao anoitecer, o dono da vinha disse ao administrador: 'Chama os trabalhadores e faz o pagamento, começando pelos últimos até os primeiros!'. Vieram os que tinham sido contratados no final da tarde, cada qual recebendo a diária. Em seguida vieram os que foram contratados primeiro, pensando que iam receber mais. Porém, cada um deles também recebeu apenas a diária.
48. Ao receberem o pagamento, começaram a murmurar contra o proprietário: 'Estes últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor ardente'. Então, ele respondeu a um deles: 'Companheiro, não estou sendo injusto contigo. Não combinamos a diária? Toma o que é teu e vai! Eu quero dar a este último o mesmo que dei a ti. Acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou estás com inveja porque estou sendo bom?'. Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos".
49. A parábola, bem enxuta, sem muita preocupação com detalhes, mostra que o Reino não é algo que se compra ou que se merece. Ele é puro dom, é pura misericórdia. A vocação, também para os da primeira hora, sempre é iniciativa da bondade de Deus. O esforço humano consiste apenas na gratuidade, ou seja, na disponibilidade para acolher o dom, sem nenhuma pretensão³³. A dinâmica do reinado de Deus vai além da lógica humana. Para Jesus, não basta seguir a lógica do legalismo e esperar a seqüência mecânica. É preciso resgatar antes de tudo a misericórdia gratuita de Deus. A graça do Pai precede sempre o mérito humano.
50. Para entender melhor esta parábola é indispensável considerar também a situação social das comunidades do tempo em que o

³³ Mateus desenvolve o mesmo tema no episódio conhecido como do "jovem rico". À pergunta "que devo fazer de bom" (mérito), Jesus contrapõe a afirmação: "Um só é bom" (Mt 19,16-17).

Evangelho foi escrito³⁴. Havia então um acelerado processo de empobrecimento. Mateus, por diversas vezes, evidencia essa realidade. O império romano havia se apoderado das terras produtivas. Muitos agricultores se tornaram arrendatários, empregados e meeiros, tendo perdido tudo que plantaram e cultivaram. Existiam graves problemas nas plantações e no cultivo. No campo e na cidade, muita gente estava desempregada e passava fome. Os trabalhadores ficavam o dia inteiro na praça à espera de alguém que os contratasse.

51. Vemos, a partir da parábola, que o sistema social é marcado pela *divisão de classes*. Uma classe detém o poder (dono) e o meio de produção (vinha) e outra oferece sua força de trabalho (operário), embora já exista a mediação do “salário” para recompensar o valor do trabalho³⁵. Existiam ricos que até se davam o luxo de morar no estrangeiro, entregando suas plantações a arrendatários (cf. Mt 21,33). Muitos donos de terra exigiam dos meeiros mais do que estes podiam (cf. Mt 25,26). A própria alusão à “vinha” expressa essa realidade. De fato, o vinho, na Palestina dominada pelos romanos, não era apenas um produto de consumo, mas também matéria de comércio, de exportação. O trabalho não visava apenas a subsistência da casa, mas alimentar o comércio imperial.
52. Existe na parábola uma proposta de inversão de valores e a sugestão de uma verdadeira reviravolta. A alusão ao sistema econômico, tributário e social da época nos ajuda a entender a realidade também dos nossos dias. Ela bate de frente com a

³⁴ Para mais informação veja-se CNBB, *Ele está no meio de nós! O Semeador do Reino. O Evangelho segundo Mateus*, Paulinas, 1998, pp. 139-176; MORIN, E., *Jesus e as estruturas de seu tempo*, Paulus, São Paulo, 1981; MATEOS, J. e CAMACHO, F., *O Evangelho de Mateus. Leitura comentada*, Paulus, São Paulo, 1993; VITÓRIO, J., *Mateus*, Loyola, São Paulo, 1996; VÁRIOS, *Leitura do Evangelho segundo Mateus*, Paulus, São Paulo, 1982.

³⁵ O termo “salário”, segundo o Dicionário Aurélio, indica a remuneração em dinheiro, devida pelo empregador, em face do serviço do empregado. Isso inclui também os trabalhadores horistas e diaristas. Na época do Evangelho de Mateus “a diária” correspondia a uma jornada de trabalho que durava cerca de 12 horas, de sol a sol, isto é, enquanto o dia clareava. Normalmente a diária era paga com a dracma ou denário (cf. Tb 5,15), moeda grega corrente, equivalente ao preço de uma medida de trigo ou três medidas de cevada, correspondente ao indispensável para a alimentação de uma família por um dia. Nesta ótica pode ser lida também a parábola da moeda perdida (cf. Lc 15,8-10) e o episódio do óbolo da viúva (Mc 12,41-44). Essas considerações ajudam a entender melhor a justa atitude do dono da vinha. Sobre isso veja-se o verbete “Dinheiro” em MACKENZIE, J. L., *Dicionário bíblico*, Paulus, São Paulo, 1984, pp. 240-241; VAN DEN BORN, A., *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Vozes, Petrópolis, 1977, pp. 367 e 411.

mentalidade neoliberal, com a ética de mercado, da qual somos vítimas, e que, em termos de justiça social, rompe com as mais elementares leis da equidade.

53. Os desocupados de então se parecem com aqueles dos nossos dias. Basta lembrar, por exemplo, os “chapas” de hoje que, à beira das rodovias, ficam esperando dos caminhoneiros a possibilidade de um serviço. A vida dos desempregados é caracterizada pela incerteza, pobreza, desnutrição, fome e pelo trabalho pesado, quando o encontram. Por isso o ponto forte da parábola não está tanto na vinha, no dono da vinha, nem nos operários, mas sim no *ajuste de contas* ao final do dia. Aqui está a chave da nova ordem que o evangelista quer mostrar.

2.2. A vinha do Senhor: uma parábola vocacional

54. Com esta parábola, o povo de Israel é chamado a inserir-se e a colaborar com a missão de Jesus. Ele, descendente dos grandes vocacionados como Abraão e Davi, foi enviado para iniciar uma nova criação. A missão do Messias-servo é formar o novo Povo de Deus e cumprir a promessa de libertação-salvação anunciada pelos profetas (cf. Mt 5, 17). O Reino testemunhado e anunciado por Jesus, é a vocação dos filhos de Israel³⁶. Todos são chamados a acolher, construir e habitar no Reino que é dom pedido em oração (cf. Mt 6, 10) ou qual semente que desce e germina sobre a terra em meio ao joio (cf. Mt 13, 24-30). Os operários, chamados e enviados, depois de uma experiência de encontro na praça com o Senhor da vinha, indicam todas as pessoas que participam da missão evangelizadora e que continuam a obra de Jesus na Igreja e no mundo³⁷. Lembrando que ainda temos “muito a fazer, tanto entre os participantes da Igreja, como entre aqueles que estão distantes ou são indiferentes”³⁸.

³⁶ Sobre a vocação de Israel, veja-se MAIA, G. L., *Panorama Vocacional do evangelho de Mateus – Parte IV, A Vocação de Israel*, em *Rogate* 172 (1999), pp. 7-9.

³⁷ Na América Latina o “Senhor chama indígenas, afro-americanos, mestiços, camponeses, homens e mulheres para que trabalhem nestas terras que são a ‘sua vinha’” (JARAMILLO, A. G., *Aspectos teológicos de la pastoral vocacional*, em CELAM-DEVYM, *La Pastoral Vocacional en el Continente de la Esperanza*, Bogotá, 1994, p. 145).

³⁸ CNBB, *Queremos ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida. Projeto Nacional de Evangelização (2004-2007)*, Paulinas, São Paulo, 2003, p. 17.

55. A imagem da vinha, colhida do Primeiro Testamento para indicar o povo eleito (cf. Sl 80,9; Is 5,1), assinala a caráter vocacional do novo Povo de Deus. Ela indica a comunidade dos seguidores de Jesus comprometida com sua pessoa, sua causa e a vivência incondicional do mandamento do amor. Se no Primeiro Testamento a vinha simboliza Israel, o povo da primeira aliança (cf. Is 5,1-7), nos evangelhos ela indica a Igreja, comunidade dos seguidores que caminham em comunhão com Jesus (cf. Jo 15,1-17)³⁹. Os operários da vinha formam o novo Povo de Deus, independente da hora do chamado e do envio.

56. Vimos que o tema de fundo que se esconde sob a linguagem parabólica da vinha, é a bondade de Deus e a abolição de privilégios no Reino dos Céus. Israel, chamado desde a aliança com Abraão para participar do projeto do Reino, defende alguns privilégios que acabam situando-o fora do projeto divino (cf. Gn 12,1-9). O texto contradiz a pretensão de Israel de ser o povo escolhido e por isso o único capaz de receber a Lei. Jesus considera a eleição de Israel como gratuidade de Deus, mas recorda que Ele chama todos os povos para trabalharem na sua vinha e a participarem da construção do Reino. Considerar-se superior a outros vocacionados é ignorar o jeito divino de escolher, chamar e enviar com liberdade e gratuidade⁴⁰.

57. No tempo de Moisés, muita gente saiu do Egito com os descendentes de Abraão. Eles reivindicam seus direitos de povo eleito e esperam ser tratados de forma diferenciada considerando-se melhores ou superiores às outras nações e povos. Esta mesma mentalidade contaminou muitas pessoas das comunidades cristãs. Houve quem pensasse ser mais importante, ter mais direitos ou regalias nas comunidades. A parábola ensina que todos receberam o mesmo salário (cf. Mt 20,12-15). A vinha é de Deus que age com gratuidade e trata todos em igualdade. Na comunidade cristã não há espaço para privilégios ou regalias.

³⁹ A parábola da vinha aponta para a eclesiologia da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* que, apesar de ter sido publicada no final de 1964, ainda não foi plenamente assimilada. Este documento recorre à imagem bíblica da vinha para indicar a Igreja e sua união com o divino agricultor (Cf. LG, 6).

⁴⁰ A vocação de Israel, como todas narradas na Bíblia, obedece a um esquema fixo: chamado para ser enviado. Na Sagrada Escritura os binômios chamado-eleição e envio-missão são componentes de um bloco indivisível onde um ilumina e facilita a compreensão do outro.

Todos são chamados a experimentar a fraternidade e a sororidade do Reino e integrar a grande família de Jesus, independente do ministério ou serviço que desenvolve na comunidade (cf. Mt 12,50).

58. A realidade da vinha ultrapassa as fronteiras das comunidades eclesiais estendendo-se até "os confins da terra" (At 1,8). Hoje ela se identifica com o conjunto da sociedade intoxicada pelo neoliberalismo e aponta para os desafios e a carência de trabalhadores na missão evangelizadora. Recorda-nos a imensa vinha a espera de trabalhadores corajosos, jovens e adultos, urbanos e rurais, que testemunhem e anunciem o Reino. A parábola é um convite a aproximar-se daqueles que estão na praça sem trabalho. Ela nos ajuda a ter um coração missionário, vendo não apenas os interesses da instituição, mas o serviço a toda a humanidade. O Dono da vinha nos ensina a chamar trabalhadores e trabalhadoras com liberdade e gratuidade.
59. O trabalho na vinha, mesmo sendo uma imagem simples do contexto rural, não nos dispensa de um reflexão sobre o fenômeno da urbanização. Os servidores da vinha precisam conhecer e compreender as mudanças que ocorrem no mundo urbano globalizado, para influenciar e assumir com espírito profético os novos desafios da realidade social e eclesial. O conceito de globalização pode ser aplicado à animação vocacional que compreende a Igreja como assembléia dos chamados, na diversidade de dons segundo a disposição do Espírito.
60. Uma reduzida compreensão da Igreja e da sociedade inibe o florescimento de vocações e ministérios suscitados pelo Espírito nas comunidades. Todos são convidados a assumirem a missão de testemunhar e anunciar o Evangelho, espalhar a Boa-Notícia aos povos, cumprindo o imperativo de Jesus: "Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19)⁴¹.

⁴¹ Para aprofundar a relação entre vocação e missão veja-se OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Teologia da vocação. Temas fundamentais*, IPV - Loyola, 1999, pp. 103-114.

2.3. Igreja: comunidade vocacional

61. A parábola deixa bem claro que a iniciativa do chamado à santidade é sempre de Deus (cf. Ef 1,4). Neste sentido ela coincide com a dinâmica vocacional que aparece em toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse⁴². Em sua pedagogia, o Senhor da Messe vai ao encontro das pessoas, lá onde elas se encontram, e ali as convoca para o trabalho da vinha. Ele está sempre chamando: a qualquer hora e em todo lugar. Tem também um jeito próprio de Jesus chamar e convocar. Por essa razão, os trabalhadores aceitam o chamamento e não recusam a proposta.
62. O texto mostra ainda que cada vocacionado ou vocacionada tem o seu tempo, a sua hora. Muitas vezes a resposta é dada sem que se saiba muito bem o que é preciso fazer. A missão só vai ficando evidente a partir do momento em que a pessoa começa a responder ao chamado. Somente quando se entra na vinha é que se começa a saber o que precisa ser feito e o que se deve fazer. Isso mostra a necessidade de uma participação ativa na vida da comunidade, condição essencial para uma melhor definição da vocação específica. Além disso, é um sinal claro da necessidade da presença do animador ou da animadora vocacional, responsável pelo acompanhamento em vista do discernimento.
63. O trabalho na vinha é constitutivo da eclesialidade da animação vocacional e aponta para a identidade de vocacionados concretos, atentos aos sopros do Espírito e às mudanças do mundo, superando a tentação de uma missão superficial. A partir da parábola, compreende-se melhor a eclesiologia de comunhão e serviço. A Igreja é a comunidade de chamados e enviados para trabalhar na vinha⁴³. Se faltarem operários, Jesus não orienta para a superação das próprias forças e nem para o ativismo. Ele

⁴² Convém lembrar, porém, que o chamado de Deus é para a perfeição, a santidade, e não para determinadas formas de vida. Estas são apenas respostas pessoais ao apelo divino, percebidas a partir de um discernimento pessoal e da contribuição das diversas mediações. Veja-se a estes respeito BAQUERO, V., *Crîtérios bíblico-teológicos para o discernimento vocacional*, em VÁRIOS, *Discernimento Vocacional*, Loyola, São Paulo, 1993, pp. 11-38.

⁴³ O documento conclusivo da Conferência de Puebla (1979) compreende a Igreja como servidora de Jesus Cristo e seguidora do Evangelho (Cf. P, 349). Sobre a compreensão da Igreja como comunidade vocacional, veja-se RENZO, G., *Ministeri ecclesiali*, em *Dizionario di Pastorale Vocazionale*, Rogate, Roma, 2002, pp. 692-701.

apenas nos ensina a pedir ao Dono da vinha que envie mais trabalhadores e trabalhadoras para a colheita (cf. Mt 9,38).

64. Os diferentes grupos de trabalhadores enviados à vinha indicam o corpo dos servidores da missão evangelizadora. Nenhum desses grupos, isoladamente, representa a missão da Igreja na sua totalidade. Cada um é chamado a dar sua contribuição que manifesta a diversidade e a riqueza da Igreja em comunhão de ministérios e serviços. Nota-se que a parábola não faz comparação entre trabalhadores, mas entre grupos de vocacionados que são enviados em distintos momentos para o serviço evangelizador. Em nenhum momento o termo "trabalhador" aparece no singular, mas sempre no plural. Observa-se que todos os trabalhadores são chamados e enviados em grupos e nunca de forma isolada, evitando o comportamento ou as atitudes individualistas. Certamente o evangelista quer assinalar a dimensão comunitária do serviço missionário na vinha do Senhor.

65. O compromisso com a nova evangelização é de toda Igreja e de cada trabalhador e trabalhadora. A parábola acentua o sentido de unidade, comunhão e participação e tira espaço para o clericalismo e outras atitudes autoritárias. Muitas vezes, encontram-se nas comunidades alguns grupos ou movimentos que se convertem num reduto de auto-suficiência igualando-se à mentalidade do antigo Israel. Esses não facilitam e nem abrem espaço para os novos vocacionados que Jesus convoca para a vinha.

66. Mateus mostra que o protagonismo de alguns não deve inibir a vocação de outros. Alguns podem ser paradigmas para os demais, mas ninguém tem o monopólio do serviço junto à vinha. Todos os trabalhadores, os vários grupos chamados em horários diferentes pelo único Senhor, se complementam, formando o corpo ministerial, comunidade de operários enviados a realizar uma missão possível⁴⁴. Todas as vocações e ministérios são

⁴⁴ Por missão possível entendemos a construção de uma Igreja "casa e escola de comunhão" (Cf. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n.º 43).

importantes na Igreja e necessários para a evangelização. O desaparecimento de uma vocação ou de um ministério gera um certo desequilíbrio na comunidade, afetando a vida e o dinamismo dos demais⁴⁵. Por essa razão, precisamos rever a questão da distribuição dos ministérios, evitando vê-los apenas numa perspectiva de suplência. De fato, “nas atuais circunstâncias, em muitos lugares, a suplência não tem o caráter de eventualidade ou de provisoriedade, mas de situação pastoral normal e habitual, sem previsão razoável de mudança desse quadro”⁴⁶.

2.4. A praça: lugar vocacional

67. Segundo o costume, as pessoas que buscavam trabalho ficavam na praça para serem contratadas. A praça, espaço tipicamente urbano, é o lugar do encontro, do testemunho, ambiente do diálogo vocacional e palco do processo de inculturação que possibilita a interação entre os trabalhadores e o Dono da vinha⁴⁷. O evangelista observa que os desempregados da praça são chamados e enviados para o trabalho na vinha (cf. Mt 20,4). Trata-se de uma maneira de afirmar que no Reino tem lugar e serviço para todos que acolhem a proposta de Jesus. A praça assinala as comunidades, a Igreja ou mesmo a vida. Também em nossos dias há muitas pessoas na praça sem fazer nada, esperando o convite e o envio.
68. Antes já acenamos para a semelhança que existe com a atual situação de desemprego que assola nosso país. Pois, muitos dos que estão na praça perderam a dignidade e a cidadania. A parábola denuncia a situação social que exclui trabalhadores deixando-os desempregados na praça, sem trabalho e sem justa remuneração. Critica a exclusão, a competição, a desigualdade de tratamento e a ambição do sistema neoliberal que contamina a sociedade⁴⁸. Há um grande número de vocacionados e

⁴⁵ Em alguns lugares já não se pode falar de escassez ou desaparecimento da vocação presbiteral ou de vida consagrada, mas em ausência dos cristãos leigos e leigas.

⁴⁶ CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, nº 89.

⁴⁷ Cf. Conclusões da Conferência de Santo Domingo, nn. 228-251.

⁴⁸ Sobre a relação entre desemprego e animação vocacional e a superação da mentalidade neoliberal veja-se OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Pastoral vocacional e cultura urbana. Desafios e perspectivas de interação*, IPV - Loyola, São Paulo, 2000, pp. 59-62.

vocacionadas que não são inseridos no mercado de trabalho e sofrem as consequências negativas do processo de globalização que os deixa na praça. Para muitos deles, esse é o lugar da vida sofrida e marginalizada.

69. O chamado contínuo de operários mostra que há muito trabalho na vinha (cf. Mt 20,1.3.5-6). Ainda há bastante o que fazer na construção do Reino e na missão evangelizadora da Igreja. Muitos ficam esperando que alguém os chame e os envie: "Ninguém nos contratou" (Mt 20,7). Às vezes falta iniciativa da parte dos vocacionados que acabam se adaptando à situação da praça. Na Igreja todos devem sentir-se convocados para trabalhar na vinha. E caso alguém esteja "desempregado", deve ser convidado a participar da missão evangelizadora.

2.5. O vocacionado que envia

70. O evangelista apresenta Jesus, vocacionado do Pai, à luz do Primeiro Testamento. Jesus é o "Filho de Davi" (Mt 1,1) que chama com credibilidade muitos discípulos e discípulas para colaborarem na missão. Ele, o Emanuel - Deus conosco (cf. Mt 1,23) - é operário na vinha de Deus. Jesus não apenas nos precede no trabalho da vinha, mas insere diversas outras pessoas na missão de proclamar o Reino de Deus (cf. Mt 10,7). Esse é referência obrigatória para todos operários da vinha. Jesus chama pescadores (cf. Mt 4,18-22), publicanos (cf. Mt 9,9) e outros discípulos anônimos para trabalhar no Reino. Nem todos, porém, acolheram com generosidade o seu chamado. Muitos rejeitaram e perseguiram os discípulos (cf. Mt 21,28-22,14). Esses devem superar o medo e anunciar a Boa-Nova desde os telhados (cf. Mt 10,26-28). Eles não apenas aprenderam os ensinamentos de Jesus, mas são enviados a proclamá-los em todo o mundo em nome da Trindade, sabendo que o Ressuscitado os acompanha, com o seu Espírito, "até o fim dos tempos" (Mt 28,20)⁴⁹

⁴⁹ Cf. *Lumen Gentium*, nn. 4.7.12.13.

71. Deus chama livremente e com gratuidade para trabalhar na vinha. Alguns foram chamados de madrugada, outros pela manhã e outros mais tarde⁵⁰. Jesus apresenta o modo de agir divino. Esclarece que a recompensa dos trabalhadores da vinha não é segundo a obra realizada, mas conforme a bondade de Deus. O chamado e o envio são para o serviço da vinha e iniciativa gratuita do Senhor. Os operários e operárias são simples colaboradores na missão evangelizadora que visa edificar o Reino, a exemplo de Jesus que veio para servir e não para ser servido (cf. Mc 10,45).
72. No trabalho da vinha todos são iguais (cf. LG, 32), portanto merecedores de digna remuneração. Deus não faz diferença entre os trabalhadores, mas promove um tratamento justo. Jesus questiona os que buscam o poder (cf. Mt 20,26-28), afirmando: "quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve" (Mt 20,26). O trabalho na vinha, o serviço à comunidade, será marcado pela humildade que caracteriza os cidadãos do Reino (cf. Mt 18,4). Isso serve de alerta às comunidades e a cada vocacionado e vocacionada de ontem e de hoje, sujeitos à vaidade e à tentação do poder (cf. Mt 4,1-11).

2.6. Da murmuração à gratuidade

73. A parábola mostra a reação e o descontentamento dos primeiros vocacionados enviados à vinha (cf. Mt 20,11-12). Mateus observa que os primeiros trabalhadores combinaram um salário com o Senhor (cf. Mt 20,2). Os demais deixam a recompensa a critério do Dono da vinha: "Eu pagarei o que for justo. E eles foram..." (Mt 20,4-5). A murmuração dos que foram chamados primeiro aponta para a inveja e os faz retroceder na fila do Reino (cf. Mt 20,11)⁵¹. Eles exigem um salário e um tratamento diferenciado dos outros operários chamados por último. Revelam um

⁵⁰ Alguns escritores dos primórdios da Igreja, como é o caso de Orígenes, interpretavam as diversas horas como um referimento às diferentes idades (infância, adolescência, maturidade, velhice, hora da morte) ou às diferentes épocas do gênero humano (as diversas gerações). No momento atual a diversidade de horas pode ter também outras interpretações. Entre elas podemos mencionar as diversas situações históricas nas quais nos encontramos ou ainda os diversos contextos culturais e religiosos hoje existentes (Cf. JOÃO PAULO II, *Christifideles laici*, nº 3; ID., *Redemptoris missio*, nn. 31-40).

⁵¹ No Novo Testamento a murmuração aparece tanto nos adversários de Jesus como também nos seus discípulos (Cf. Lc 5,30; Jo 6,41; 1Cor 10,10).

sentimento de egoísmo e de ambição que coincide com a ideologia neoliberal, marcada por interesses que ignoram as exigências de justiça e ética propostas pelo Evangelho.

74. Atualmente, a murmuração se manifesta de diferentes maneiras nas comunidades. Na Igreja, às vezes, existem pessoas que também reclamam por um tratamento distinto, esquecendo-se que a recompensa dos trabalhadores do Senhor não obedece aos critérios humanos (cf. Mt 19,27-30). Alguns vocacionados sentem-se no direito de receber uma retribuição que contradiz a dinâmica do Reino. Por causa da ambição, esquecem a orientação do Mestre que envia seus discípulos revestidos de pobreza (cf. Mt 10,9-10) "às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10,6) e observa: "de graça recebestes, de graça deveis dar!" (Mt 10,8)⁵². O apóstolo Paulo já exortava os cristãos das primeiras comunidades: "fazei tudo sem murmurar nem questionar" (Fl 2,14).

75. Os trabalhadores ficaram felizes pela possibilidade de trabalhar na vinha. Eles mesmos já haviam dito ao Senhor que ninguém os chamara (cf. Mt 20,7). Aqueles que foram convocados no "final da tarde" podem indicar as pessoas que estão começando a caminhada em nossas comunidades (cf. Mt 20,6). Jesus lembra que o Dono da vinha não tem hora para chamar e enviar. Tanto os primeiros como os últimos receberam generosa recompensa. Todos descobrem que a justiça de Deus transcende aquela conhecida pelos operários. Isso nos faz pensar na necessidade de acolhermos bem aqueles e aquelas que estão chegando em nosso meio.

2.7. A santidade dos trabalhadores da vinha

76. No horizonte proposto pela parábola, a santidade é compreendida como acolhida do chamado e disponibilidade para a missão. O trabalho na vinha expressa adesão e compromisso dos seguidores de Jesus com a evangelização⁵³. A

⁵² O profeta Isaías recorda a Israel: "O meu pensamento não é o pensamento vosso, vossos caminhos não são os caminhos meus" (Is 55,8).

⁵³ A este propósito veja-se OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Nossa resposta ao Amor. Teologia das Vocações Específicas*, IPV - Loyola, 2000, pp. 19-51.

parábola, com a expressão “ide...para” (Mt 20,4.7), quer ressaltar a *dimensão missionária* da vocação cristã. Neste contexto a santidade se manifesta na militância dos operários que assumem a missão com seus desafios, atentos ao imperativo do Mestre: “Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

77. Jesus alerta a todos os vocacionados e vocacionadas que o importante não é o tempo ou a quantidade de trabalho, mas o amor e a disposição para servir na vinha. Diante de Deus tem mais valor o espírito com o qual se cumpre a missão do que os resultados imediatos. Mais do que a produtividade e o lucro, Jesus pede frutos bons que permaneçam (cf. Mt 7,17; Jo 15,16). Interessa a disponibilidade dos chamados para realizar a tarefa da evangelização. Hoje, o seguimento e a santidade consistem em atualizar a mensagem de Jesus nas novas circunstâncias históricas marcadas pela globalização.
78. O chamado se dá na gratuidade e no amor. A resposta dos convidados ou dos que aceitam trabalhar na vinha parece significar uma total dedicação e liberdade no seguimento de Jesus. As diferentes horas também equivalem aos diferentes serviços. As diversas funções na comunidade e o rendimento não criam situações de privilégio nem são fontes de mérito, pois o serviço é apenas resposta ao chamado. A convocação espera uma resposta desinteressada. O sentimento do próprio mérito produz descontentamento e divisão (cf. Mt 20,11-15). Na comunidade não se trabalha no desejo de recompensa, mas de forma espontânea e com a vontade de servir às outras pessoas (cf. Mt 5,7-9).
79. Além disso, a parábola aponta para a questão *eclesiológica*. Embora a Igreja não seja o Reino de Deus, ela contém em si o germe e o início do Reinado (cf. LG, 5). No texto sobre os trabalhadores da vinha é possível identificar uma indicação de Jesus sobre que Igreja ele deseja para a realização do serviço de animação vocacional⁵⁴. Trata-se de uma comunidade de pessoas

⁵⁴ O 1º Congresso Vocacional do Brasil chamou a atenção para a presença em nosso meio de diversos “cenários” de Igreja com suas diferentes formas de evangelizar, de celebrar, de exercer os ministérios. Por trás desses cenários estão uma teologia e diferentes motivações que levam a viver a fé e assumir a vocação. Isso dá origem a um desafio: ser fiel aos aspectos essenciais e manter a interação entre esses diversos elementos fundamentais (Cf. CNBB, *Vocações e Ministérios para o Novo Milênio. Documento Final do 1º Congresso Vocacional do Brasil*, nn. 2-3).

que são convidadas, vocacionadas, a dela participar e que na participação descubrem a própria missão. Uma Igreja que não diz primeiro o que tem de ser feito, mas apenas chama, deixando aos vocacionados e vocacionadas a liberdade de escolherem o caminho, a partir da vivência do compromisso batismal. Portanto, o primeiro chamado não é para um tipo de vocação específica, mas para ser Igreja. Uma vez na Igreja as pessoas vão descobrindo o seu lugar na co-responsabilidade da missão.

80. Neste sentido pode-se também identificar uma denúncia feita pela parábola: se há pessoas fora da vinha é porque não foram chamadas. Elas não são culpadas, mas apenas vítimas da omissão dos que deveriam convocá-las em nome do Dono da vinha. Se ainda temos homens e mulheres que não assumem uma vocação específica e não se comprometem com a missão é porque ninguém os chamou (cf. Mt 20,7). Isso aponta para a responsabilidade dos que estão à frente da vinha, os quais não foram capazes de ir até onde estão os vocacionados e vocacionadas para convidá-los a participar. De uma certa maneira, temos aqui uma forte indicação para a necessidade da *inculturação* da animação vocacional
81. Por fim, a parábola nos traz uma *inquietação*, uma provocação. Se ela foi dirigida em primeiro lugar às lideranças religiosas da época, que mensagem ela traz para as lideranças eclesiais de hoje? Para nós que estamos à frente da animação vocacional, que lições ficam desta reflexão? Hoje percebemos uma certa ausência de lideranças e de profetas: "Não há, neste tempo, chefe, profeta ou liderança" (Dn 3,38). Hoje em dia, parece que ninguém tem a coragem de dizer com clareza o que é a favor ou contrário ao Reinado de Deus. Poucos são aqueles e aquelas capazes de aceitar a lógica de que "muitos dos últimos serão primeiros" (Mt 19,30; 20,16). Cabe-nos, pois, a grave missão de não nos calarmos e de apontarmos para a dinâmica do mundo renovado (cf. Mt 19,28).

Para meditar e responder em grupo:

1. Hoje, qual é a realidade dos trabalhadores e trabalhadoras?
2. Quem são hoje os trabalhadores da vinha do Senhor?
3. O que a sua diocese e/ou paróquia está fazendo para chamar novas vocações?
4. Em nossos dias, quem está ficando excluído da evangelização?
5. O que mais podemos aprender com essa parábola?

Para a dinamização desta segunda parte

A partir do estudo desta segunda parte do texto-base, montar uma pequena peça teatral, buscando atualizar a mensagem da parábola dos trabalhadores da vinha. Para facilitar essa atualização, antes da montagem da peça, fazer uma pesquisa na comunidade para conhecer os problemas ali existentes em torno da temática levantada pelo texto bíblico. Ter o cuidado para que a mensagem da peça coloque em evidência as questões ligadas à animação vocacional na comunidade.

3. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS E INDICAÇÕES PASTORAIS

3.1. Origem trinitária do Povo de Deus

82. A iluminação bíblica nos ajudou a perceber a Igreja como sendo a vinha do Senhor, para a qual todos os homens e todas as mulheres são convidados. Enquanto “vinha eleita” (LG, 6), a comunidade eclesial deve estar aberta à *inclusão* de todos os povos e de todas as raças: “Todos os homens são chamados a formar o novo povo de Deus. Por isso, este povo, permanecendo uno e único, deve dilatar-se até os confins do mundo e em todos os tempos, para se dar cumprimento ao desígnio de Deus que, no princípio, criou a natureza humana una e estabeleceu congregar finalmente na unidade todos os seus filhos que andavam dispersos [cf. Jo 11,52]” (LG, 13).
83. Aqueles e aquelas que já entraram na Igreja “pela porta do batismo” (LG, 14), tendo recebido os dons e carismas do Espírito (cf. LG, 12), e aderido plenamente à fé católica, participam da missão sacerdotal, profética e real de Cristo. São chamados a dar um testemunho vivo de fé, esperança e caridade, de tal modo que a humanidade possa, através deles, louvar e amar a Deus Pai Criador (cf. Mt 5,16). Se Cristo “é a luz dos povos” (LG, 1), os cristãos e cristãs possuem a significativa missão de fazer resplandecer a sua face luminosa sobre toda a terra. Assim sendo, a Igreja “é em Cristo como que sacramento, isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, 1).
84. Todavia, a Igreja não é sacramento de salvação e sinal do Reino de Deus por suas próprias forças. Ela, na verdade é a *Ekklesia*, isto é, “povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”⁵⁵. Portanto, a Igreja é Povo convocado, chamado e reunido pela Trindade. O Pai decide livremente criar o universo e os seres humanos. A estes últimos oferece-lhes o dom da participação na sua vida divina, mesmo depois da experiência

⁵⁵ LG, 4, fazendo referência a São Cipriano, Santo Agostinho e São João Damasceno.

do pecado (cf. LG, 2). Para salvar a humanidade ele envia o seu Filho, o qual nos revelou o grande mistério da vontade divina (cf. LG, 3): o Pai nos escolheu em Cristo para sermos santos e irrepreensíveis no amor e para sermos filhos e filhas (cf. Ef 1,4-5). E para que pudéssemos cumprir este seu projeto, Deus no enviou o seu Espírito, o qual orna a comunidade com uma diversidade de dons (cf. LG, 4).

85. Em vista desta grande verdade podemos afirmar que a Igreja brota do coração da Trindade; é chamada a ser neste mundo ícone do mistério trinitário e *orienta-se* para a comunhão final com as três divinas Pessoas⁵⁶. Sendo *Ecclesia de Trinitate*, comunidade que tem a sua origem no mistério da Trindade, participa neste mundo da vida trinitária de Deus e caminha na direção da Unidade da Trindade. A Trindade é a *fonte*, o *modelo* e a *meta* da vida da Igreja, da comunhão eclesial⁵⁷.
86. Crer que a Igreja é ícone da Trindade comporta uma série de *conseqüências* para a atividade vocacional da comunidade eclesial. A primeira delas é a aceitação de que a *própria Igreja* é vocação. Ela, como nos diz João Paulo II, é a *Assembléia dos chamados*. Neste sentido a dimensão vocacional da evangelização é algo conatural e essencial e não apenas uma simples “parte” da pastoral global da Igreja⁵⁸. Na prática isso significa *duas coisas* importantes. Em primeiro lugar, a necessidade de considerar todas as pessoas como chamadas, vocacionadas por Deus. Na Igreja não existem pessoas sem vocação. Em segundo lugar, a obrigação que tem toda Igreja local, ou diocese, de estruturar e organizar uma eficaz pastoral vocacional.
87. Uma segunda conseqüência da fé na origem trinitária da Igreja é o respeito pela diversidade das vocações e dos ministérios e o cultivo da comunhão. Sendo a Igreja uma comunidade convocada e reunida para ser neste mundo *ícone* da Trindade,

⁵⁶ Cf. FORTE, B., *A Igreja ícone da Trindade. Breve Ecclesiologia*, Loyola, São Paulo, 1987.

⁵⁷ Cf. *ibid.*, pp. 18-24.

⁵⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *Pastores dabo vobis*, n° 34; CNBB, *Batismo, fonte de todas as vocações. Texto-Base do Ano Vocacional 2003*, n° 4; OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Evangelho da Vocação. Dimensão Vocacional da Evangelização*, IPV – Loyola, 2003.

ela precisa ser em si mesma expressão concreta dessa realidade. Isso só será possível quando for uma comunidade onde a mesma e única vocação divina pode se manifestar na variedade de formas, de serviços, de ministérios e carismas. Numa comunidade onde prevalece um único tipo de vocação, onde não se promove a diversidade, o rosto trinitário da Igreja se revela desfigurado ou, pelo menos, incompleto⁵⁹.

88. Todavia, a variedade deve convergir para a unidade, centrada na busca do “bem de todos” (1Cor 12,7). Por essa razão, uma animação vocacional que leva em consideração a dimensão trinitária da Igreja, cultivará sempre uma profunda *eclesialidade*. Embora as vocações e os ministérios sejam cultivados na Igreja local, essa deve permanecer aberta à dimensão missionária. A diocese é a verdadeira responsável pela missão e sua pastoral vocacional deve ser “católica”, ou seja, não colocando em primeiro lugar as vantagens de um determinado grupo, mas voltada também para as necessidades de toda a Igreja.⁶⁰
89. Dentro desta perspectiva, a fé no caráter trinitário da Igreja irá contribuir para um sério *discernimento* vocacional. Se a Igreja local e os grupos devem, em primeiro lugar, suscitar “vocações de serviço ao Reino”⁶¹, evitando interesses egoístas, então isso significa também que são obrigados a verificar atentamente a origem divina de todas as vocações. Trata-se, portanto, da verificação das *motivações* vocacionais⁶². A consciência da origem trinitária da Igreja faz com que os responsáveis pelo acompanhamento vocacional ajudem os vocacionados e vocacionadas a perceberem o chamado da Trindade⁶³. Mas serão também capazes de apontar outra direção quando ficar claro que a motivação não é divina, mesmo que isso contrarie as expectativas da instituição eclesial ou os desejos e inclinações da pessoa vocacionada⁶⁴.

⁵⁹ Cf. CNBB, *Batismo, fonte de todas as vocações*, nº 123; FORTE, B., *A Igreja ícone da Trindade*, pp. 23-24.

⁶⁰ Cf. AG, nn. 15-22; CNBB, *Batismo, fonte de todas as vocações*, nn. 156-157.

⁶¹ CNBB, *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, p. 52.

⁶² Cf. *ibid.*, pp. 47-51.

⁶³ Sobre a origem trinitária da vocação veja OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Teologia da vocação*, pp. 19-46.

⁶⁴ CNBB, *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, pp. 40-51.

3.2. Vocação universal à santidade

90. Essas considerações sobre a dimensão trinitária da Igreja e da vocação nos ajudam a entender que o chamado primordial e fundamental é aquele à *santidade*⁶⁵. A Trindade chama todo homem e toda mulher à comunhão com ela. "A evangelização é um chamado à participação na comunhão trinitária. Qualquer outra comunhão, embora não constitua o destino último do homem, é, animada pela graça, primícias dela"⁶⁶. Isso é a coisa mais importante. As vocações específicas expressam apenas o jeito ou o modo concreto de responder a esta única vocação divina.
91. A vocação universal à santidade, a partir de sua fundamentação bíblica (cf. 1Pd 1,15-16), é um convite a viver a vida de Deus no cotidiano. O homem e a mulher não precisam se afastar da vida normal para viverem a comunhão com a Trindade divina. Pelo contrário, deverão experimentar essa profunda realidade no dia-a-dia da própria existência. É claro que a santidade comporta um dom, uma graça, sem a qual nada podemos fazer. E esta graça está relacionada com a nossa participação na vida da comunidade que é a vinha do Senhor (cf. Jo 15,1-17). Comporta também a radicalidade do seguimento de Cristo (cf. Lc 11,23) e a coragem para as necessárias rupturas (cf. Mt 5,29-30). Mas tudo isso na dinâmica normal da vida, sem nenhuma conotação de feito extraordinário ou de anormalidade⁶⁷. Aliás, como nos lembram ainda as Escrituras, a santidade é a busca da perfeição divina (cf. Mt 5,48) através do *encontro* e do *relacionamento* com os irmãos e as irmãs (cf. Lv 19).
92. Enquanto apelo dirigido pelo Pai a toda a humanidade, a vocação universal é, na verdade, convite ao seguimento de Jesus Cristo. Ser santo ou santa é atender ao convite do Mestre e aceitar fazer

⁶⁵ Sobre o tema da vocação universal à santidade veja-se todo o capítulo V da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja; OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Nossa resposta ao Amor*, pp. 19-49; ID., *Vocação universal à santidade: redescoberta do Vaticano II*, em *Vida Pastoral* 236 (maio/junho 2004), pp. 15-20.

⁶⁶ *Conclusões de Puebla*, n° 218.

⁶⁷ João Paulo II nos lembra que "esse ideal de perfeição não deve ser objeto de equívoco, vendo nele um caminho extraordinário que pode ser percorrido apenas por algum 'gênio' da santidade" (*Novo Millennio Ineunte*, n° 31).

parte do seu *discipulado*: “Segue-me” (Jo 21,19b). Neste sentido, o mais importante não é escolher ou preferir uma vocação “mais alta” ou “mais perfeita”. Em Cristo não existem vocações “superiores” ou “inferiores”, uma vez que Nele somos “uma só coisa” (Gl 3,28). O único imperativo, para todos os cristãos e cristãs, é ser santo como Aquele que nos chamou (1Pd 1,15). E o “caminho infinitamente superior” é somente aquele da prática do amor, da caridade (cf. 1Cor 12,31-13,13). Não há, pois, desigualdades em Cristo e na Igreja. O que existe é a variedade e a diversidade de vocações e de ministérios (cf. LG, 32).

93. Tais afirmações suscitam *alguns compromissos* para o serviço de animação vocacional. Antes de tudo a necessária afirmação de que todas as pessoas são chamadas à santidade. A *universalidade* da vocação e da vocação à santidade precisa ser mais destacada pela animação vocacional. Ela não é algo reservado para algumas pessoas privilegiadas. O normal é ser santo ou santa. Todos na Igreja são chamados à santidade (cf. LG, 39). Podemos então afirmar que o principal dever de toda e qualquer atividade vocacional é *cultivar e anunciar* o dom da santidade oferecido a toda pessoa humana, do qual aqueles e aquelas que receberam o batismo devem se tornar sinais visíveis⁶⁸. Neste sentido, “apontar a santidade permanece de forma mais evidente uma urgência da pastoral”⁶⁹.
94. Disso nasce um segundo compromisso: valorizar a vocação *batismal*, uma vez que é através do batismo que se dá o *verdadeiro ingresso* na santidade de Deus. De fato, o primeiro de todos os sacramentos é que possibilita a inserção em Cristo e nos torna templos do Espírito⁷⁰. Num contexto como o nosso, em que somos obrigados a evangelizar pessoas batizadas, devemos levar mais a sério a nossa vocação primeira. A evangelização e o dinamismo de todo serviço de animação vocacional passam pela seriedade com a qual tratamos esta

⁶⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, nn. 30-31.

⁶⁹ *Ibid.*, nº 30. Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006*, Paulinas, São Paulo, 2003, nº 81.

⁷⁰ Cf. *ibid.*, nº 31.

questão⁷¹. Conseqüentemente, a valorização do batismo irá significar também a superação da mediocridade, da superficialidade, da ética minimalista e da religiosidade aparente⁷². Contribuirá para um cuidado maior com o discernimento, evitando a banalização e as fáceis concessões nos processos de acompanhamento vocacional.

95. Os caminhos da santidade “são variados e apropriados à vocação de cada um”⁷³. Por essa razão, um outro compromisso da pastoral vocacional será a promoção, divulgação e incentivo das mais diversas formas de santidade. Isso se dará, sobretudo através daquele cuidado em articular bem a atividade vocacional, de tal modo que ela estimule cada cristão batizado a viver a mesma e única vocação. Portanto, não será necessário “copiar” um estilo de santidade típico de uma outra forma de vocação específica (cf. LG, 41). Caberá, pois, à pastoral vocacional não só propor, mas até defender a legítima diversificação do jeito de ser santo ou santa.

3.3. Ministerialidade da Igreja e ministérios

96. Considerando este dinamismo, o serviço de animação vocacional de cada comunidade deverá fazer um acompanhamento que contemple ao mesmo tempo as *três grandes vocações* específicas (cristãos leigos e leigas, vida consagrada e ministérios ordenados) e as particularidades suscitadas em cada uma delas pelo Espírito de Deus. Os ministérios ordenados, especialmente o *presbiterado*, são fundamentais para a estruturação e o dinamismo da comunidade. Por essa razão, a pastoral vocacional sempre deu mais atenção a este tipo de vocação específica⁷⁴.
97. Nos últimos anos esta preocupação se tornou ainda maior devido à escassez de presbíteros que afetou e ainda afeta várias regiões do mundo, inclusive o nosso país. Em vista disso, teremos que continuar sensíveis a essa realidade, promovendo o crescimento

⁷¹ Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, A vocação batismal: fonte da comum dignidade e da legítima diversidade, em *Vida Pastoral* 228 (janeiro/fevereiro 2003), pp. 3-8.

⁷² Cf. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n° 31.

⁷³ *Ibidem*.

⁷⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Pastores dabo vobis*, n° 41.

não só da quantidade, mas também da qualidade das vocações presbiterais. De fato, como nos lembra João Paulo II, a escassez não deve ser uma desculpa para descuidar da seriedade do acompanhamento e da formação das vocações aos ministérios ordenados. Pelo contrário, inspirando-se no exemplo de Cristo, a Igreja deve conduzir ao presbiterado somente aqueles que foram chamados e que deram provas suficientes de uma adesão consciente, livre e responsável⁷⁵.

98. Além da vocação presbiteral, a animação vocacional precisa promover também o ministério do *diácono permanente*. E isso deve ser feito não apenas por um motivo pragmático – suprir a escassez de presbíteros – mas pelo significado que este tipo de vocação específica tem para a vida e o dinamismo da Igreja local. De fato, o carisma do diácono é aquele de ser sacramento do Cristo-Servo. Sua presença é sinal eficaz que contribui para que a comunidade seja servidora e pobre, vivendo a sua missão na perspectiva da libertação integral da humanidade⁷⁶.
99. Todavia, como foi dito anteriormente, a vocação universal à santidade pode e deve ser cultivada nas diversas formas de vida (cf. LG, 41). Por isso mesmo a animação vocacional não pode ficar reduzida à promoção da vocação presbiteral. Ela tem que “dar espaço a todos os dons do Espírito” e valorizar as “outras vocações, radicadas na riqueza da vida nova recebida no sacramento do batismo”⁷⁷. Assim sendo, é indispensável incentivar também o caminho da santidade próprio da vida consagrada e aquele dos cristãos leigos e leigas⁷⁸.
100. No caso da vida consagrada, é importante não esquecer o significado do seu “ministério profético”, através do qual ela é chamada a ser sinal e a falar em nome de Deus a todas as pessoas⁷⁹. Por isso, uma Igreja local sem a presença da vida consagrada, “além de perder tantos dons espirituais, lugares

⁷⁵ Cf. *ibid.* n° 42; CNBB, *Carta aos presbíteros*, Paulinas, São Paulo, 2004, n° 33.

⁷⁶ Cf. *Conclusões de Puebla*, nn. 697-699; CNBB, *Diretrizes para o Diaconado Permanente*, nn. 27-63.

⁷⁷ JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n° 46.

⁷⁸ Cf. *Ibidem*; ID., *Vita consecrata*, nn. 63-64; *Christifideles laici*, n° 45.

⁷⁹ ID., *Vita consecrata*, n° 84.

privilegiados da busca de Deus, atividades apostólicas e metodologias pastorais específicas, arriscar-se-ia a ficar enormemente enfraquecida naquele espírito missionário que é próprio da maioria dos Institutos”⁸⁰.

101. Com relação aos cristãos leigos e leigas, João Paulo II foi bastante categórico em afirmar que também eles são convidados à vinha do Senhor. Lembrando que o convite de Jesus se dirige a todo ser humano que vem ao mundo, o papa afirma: “*Ide vós também. A chamada não diz respeito apenas aos pastores, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, mas estende-se aos fiéis leigos: também os fiéis leigos são pessoalmente chamados pelo Senhor, de quem recebem uma missão para a Igreja e para o mundo*”⁸¹. Em outro parágrafo deste mesmo documento o papa chega a afirmar o seguinte: “os fiéis leigos não são simplesmente os agricultores que trabalham na vinha, mas são parte dessa mesma vinha: ‘Eu sou a videira, vós os ramos’ (Jo 15,5), diz Jesus”⁸². Assim sendo, o serviço de animação vocacional não pode mais deixar de lado, ou mesmo em segundo plano, a promoção da vocação e da missão dos cristãos leigos e leigas. Ele deverá também estimular “*todos os batizados e crismados a tomarem consciência da sua própria e ativa responsabilidade na vida eclesial*”⁸³.

102. Ora, se a santidade é vivida de formas diversas, então é preciso que a Igreja esteja atenta para a *diversidade* não só das vocações, mas também dos carismas, dos ministérios e dos serviços. A comunidade cristã deverá ser um espaço onde a *ministerialidade* acontece, se desenvolve e encontra condições para frutificar⁸⁴. Estar atenta significa, em primeiro lugar, dar-se conta das reais necessidades da própria comunidade, de tal modo que ela tenha todos os ministérios de que precisa para cumprir a sua missão. Em segundo lugar, implica cuidar e respeitar os dons de cada

⁸⁰ *Ibid.*, n° 48.

⁸¹ *Christifideles laici*, n° 2.

⁸² *Ibid.*, n° 8.

⁸³ *ID.*, *Novo Millennio Ineunte*, n° 46.

⁸⁴ A respeito deste tema veja-se CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, Paulinas, São Paulo, 1999; *ID.*, *Ministerialidade da Igreja e Ministérios. Conclusões do 15º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional*, Brasília, 2001.

pessoa que participa, uma vez que “a cada um é dada a manifestação do Espírito, em vista do bem de todos” (1 Cor 12,7).

103. Por esse motivo, não é suficiente que a pastoral vocacional se preocupe apenas com os ministérios ordenados. Tarefa essencial da atividade vocacional de uma Igreja local é também promover os ministérios não-ordenados que podem ser confiados aos cristãos leigos e leigas⁸⁵. De fato, afirma Puebla, alguns leigos podem “sentir-se chamados ou ser chamados a colaborar com os seus pastores no serviço à comunidade eclesial, para o crescimento e a vida desta comunidade, exercendo ministérios diversos, conforme a graça e os carismas que ao Senhor aprouver conceder-lhes” (P, 804).
104. Tal observação mostra que a promoção dos ministérios não-ordenados não deve estar relacionada apenas às necessidades da comunidade. Muitas vezes ela ainda se liga ao problema da escassez de presbíteros. Trata-se antes de tudo de uma questão vocacional, isto é, do respeito à ação do Espírito, o qual distribui seus dons a cada pessoa, conforme ele quer (1 Cor 12,11). Além disso, é indispensável ter presente a dimensão *missionária* da evangelização. No dizer de Paulo VI estes ministérios são preciosos “para a vida e para o crescimento da Igreja e para a sua capacidade de irradiar a própria mensagem à sua volta e para aqueles que estão distantes”⁸⁶. A Igreja do terceiro milênio não poderá cumprir fielmente a sua missão se não tiver – além dos ministérios ordenados – a presença de outros tipos de ministérios, indispensáveis à sua ação evangelizadora⁸⁷.
105. Pode-se então afirmar que uma das tarefas primordiais do serviço de animação vocacional deve ser o cultivo, discernimento e acompanhamento dos ministérios não-ordenados. Estes, enquanto carismas que assumem a forma de serviço à comunidade e ao mundo, devem ser acolhidos e reconhecidos. Não promover e nem incentivar tais ministérios é ignorar que

⁸⁵ Sobre os ministérios não-ordenados veja-se ALMEIDA, A. J. DE, *Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina*, Loyola, São Paulo, 1989; OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Nossa resposta ao Amor*, pp. 101-113.

⁸⁶ PAULO VI, *Evangelii nuntiandi*, n° 73. Cf. CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n° 79.

⁸⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n° 46.

eles são *dom do Alto*, ou seja, graças que o Pai, pelo Filho, no Espírito, oferece a algumas pessoas para o serviço ao Reino e para a salvação da humanidade. Seria impedir à Igreja de cumprir fielmente a sua missão⁸⁸.

3.4. Missão: serviço diversificado na vinha

106. Sendo carismas que na comunidade e em vista da missão assumem a forma de *serviço*, os ministérios, por si mesmos, são *diversificados*. Há ministérios reconhecidos, confiados, instituídos e ordenados⁸⁹. Mas eles não se diversificam apenas na sua tipologia. A legítima diferenciação se dá também a partir do *âmbito* do exercício. Assim sendo, de acordo com as atuais Diretrizes da ação evangelizadora, os ministérios se distribuem em três grandes dimensões: Palavra, Liturgia e Caridade⁹⁰.
107. No âmbito da *Palavra* os ministérios são serviços que favorecem e possibilitam a escuta e a acolhida das Sagradas Escrituras, de tal modo que todo o Povo de Deus possa, pela leitura orante, pessoal e comunitária da Bíblia, ouvir os apelos divinos e responder ao chamado. A partir do Concílio Vaticano II tomamos consciência da importância da *catequese bíblica* no acolhimento da vocação⁹¹. Por essa razão o serviço de animação vocacional da comunidade deverá favorecer o surgimento e a multiplicação de ministros da Palavra, dando às pessoas a possibilidade da descoberta e do amadurecimento da vocação. Muitas vezes é nos círculos bíblicos, nas reuniões de grupos, lideradas por ministros da Palavra, que o chamamento vai se definindo. O surgimento de vocações, sem dúvida alguma, está intimamente relacionado com a multiplicação do "número dos animadores do apostolado bíblico"⁹².
108. A proclamação e a escuta da Palavra se dá de modo todo especial na *Liturgia*, momento em que a comunidade convocada pela Trindade se reúne para louvar o Senhor, alimentar a fé e celebrar

⁸⁸ Cf. CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, nn. 83-85.

⁸⁹ Cf. *ibid.*, nn. 87-91.

⁹⁰ Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006*, nn. 20-43.

⁹¹ Cf. 2º Congresso Internacional das Vocações, *Documento Conclusivo*, Roma, 1981, nº 26.

⁹² CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006*, nº 22.

a vida. Dentro da Liturgia ocupa lugar de destaque a *celebração eucarística*, memorial da morte e ressurreição do Senhor⁹³. A liturgia, enquanto expressão mais alta da oração da Igreja, abre o coração das pessoas para o dom do chamamento divino. Além disso, a eucaristia é decisiva para o surgimento de todas as vocações⁹⁴. Isso deve ser, sem dúvida alguma, a principal preocupação da animação vocacional da Igreja local. Deixar uma comunidade sem a Liturgia, sobretudo sem a celebração da eucaristia, é privá-la da *fonte* de onde jorra todo o seu dinamismo, e, conseqüentemente, deixá-la sem a *nascente* das vocações e ministérios⁹⁵.

109. A Igreja existe para o serviço à humanidade. Este serviço se traduz na prática do *amor*, da caridade, que é o distintivo de todo cristão (cf. Jo 13,35). Por esse motivo, ela não pode ficar voltada para si mesma, ocupada unicamente com os seus problemas, mas deve sair e ir à missão (cf. Jo 20,19-23). O que a comunidade escuta na meditação da Palavra e na celebração dos mistérios, reparte com os demais homens e mulheres. Por essa razão os ministérios são também *ministérios da caridade*. Eles "são sempre ministérios na Igreja e para a Igreja, mas sempre Igreja sacramento de salvação e libertação do homem todo e de todos os homens na única história da salvação"⁹⁶.
110. A partir desse pressuposto, o serviço de animação vocacional deve colaborar para que todos os ministérios na comunidade estejam também a serviço das "*necessidades reais das pessoas*, especialmente das mais pobres de nosso tempo, os excluídos da sociedade"⁹⁷. Tendo o cuidado para "*não deixar decair a verdadeira caridade em assistencialismo paternalista*"⁹⁸, a atividade vocacional das Igrejas locais precisa incentivar o

⁹³ *Ibid.*, nº 26.

⁹⁴ Cf. 2º Congresso Internacional das Vocações, *Documento Conclusivo*, nº 19.

⁹⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem para a 41ª Jornada Mundial de Oração pelas Vocações* (2 de maio de 2004), nº 3.

⁹⁶ CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, nº 90.

⁹⁷ *ID.*, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006*, nº 39.

⁹⁸ *Ibid.*, nº 40.

surgimento de ministérios que estejam também a serviço do ser humano e que contribuam para a construção de um futuro melhor para a humanidade⁹⁹.

111. Portanto, para que a Igreja possa cumprir essa tarefa e consiga, de fato, exprimir toda a sua *ministerialidade*, é indispensável que o serviço de animação vocacional esteja consciente de que a missão salvífica confiada aos discípulos e discípulas de Jesus não se realiza somente através dos ministérios ordenados¹⁰⁰. Será, pois, necessário desenvolver um tipo de atividade vocacional que leve a evangelização a não ficar dependendo exclusivamente da figura do padre. As mudanças na sociedade brasileira exigem revisão de nossas estruturas. Do contrário a Igreja não conseguirá chegar aos novos espaços a serem evangelizados. A promoção e o incentivo dos ministérios não-ordenados respondem a esse desafio¹⁰¹. Em virtude do batismo e da crisma, os cristãos leigos e leigas, são igualmente co-responsáveis pela missão da Igreja¹⁰². Eles não devem ser educados para a passividade (cf. AA, 2), mas para a capacidade de tomar iniciativas no campo da evangelização, buscando a própria santidade (cf. AA, 5-22). A relação com a hierarquia precisa ser cultivada no interior da comunhão eclesial. Isso, porém, não deve significar eliminação ou impedimento para a atuação concreta deles¹⁰³.

3.5. A tarefa do serviço de animação vocacional

112. No final deste percurso, com nosso olhar voltado para a celebração do 2º Congresso Vocacional, em vista também daquilo que virá depois, sentimos a necessidade de destacar *três grandes urgências*¹⁰⁴:

⁹⁹ Cf. *ibid.*, n° 41.

¹⁰⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Christifideles laici*, n° 23.

¹⁰¹ Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006*, n° 61.

¹⁰² Cf. AA, 3; JOÃO PAULO II, *Christifideles laici*, nn. 10-14.

¹⁰³ Cf. AA, 24; CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n° 104.

¹⁰⁴ Além dessas sugestões, seria importante considerar as propostas e pistas que aparecem no Documento Final do 1º Congresso Vocacional (nn. 22-46) e no Texto-Base do Ano Vocacional 2003 (nn. 130-173), uma vez que elas continuam válidas e atuais.

a) Lugar e tarefa do serviço de animação vocacional

113. Antes de tudo, há a necessidade de se ressaltar o lugar e a tarefa do serviço de animação vocacional na comunidade eclesial. Todos os eventos vocacionais dos últimos anos não deixaram de evidenciar a importância fundamental da animação vocacional. Todavia, ainda é muito comum encontrar, por esse imenso Brasil, lugares onde não existe nenhuma organização da atividade vocacional. Em outras comunidades tudo é feito de forma improvisada, aleatória, esporádica, na dependência da boa vontade de algumas pessoas. A questão vocacional não é considerada importante. Por isso ela não é tratada ou, muitas vezes, vista somente como um "apêndice" da evangelização.
114. Considerando a realidade do nosso país, urge organizar uma *vasta e capilar* animação vocacional que realmente envolva toda a comunidade, todo o Povo de Deus. Somente essa ampla atividade poderá contribuir para que as pessoas tenham condições de responder ao chamado divino¹⁰⁵. Para isso será indispensável criar uma *cultura vocacional*, através da qual todos os membros da Igreja sintam-se vocacionados e, ao mesmo tempo, responsáveis pela missão de cuidar das vocações. A Igreja local terá que ser um ambiente onde ressoa e se realiza a proposta vocacional. Ela precisa compreender que toda e qualquer atividade evangelizadora deverá ter sempre uma *dimensão vocacional*. A pastoral será sempre uma "convocação", um convite a ser Igreja, "assembléia dos chamados"¹⁰⁶.
115. Para se chegar a uma cultura vocacional será indispensável criar *organismos e estruturas* mínimas que possibilitem o funcionamento da pastoral vocacional. As Equipes Regionais, Diocesanas e Paroquiais adquirem um significado todo especial, de modo particular em nosso país, cuja extensão continental ainda dificulta a comunicação e a realização de muita coisa. Convém não esquecer que desde 1995, por iniciativa dos bispos do Brasil, tais equipes passaram a ser consideradas indispensáveis para a coordenação e a promoção das vocações em todas as dimensões pastorais da vida cristã, sendo o espaço normal de orientação e acompanhamento dos vocacionados e

¹⁰⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n° 46.

¹⁰⁶ Cf. ID., *Pastores dabo vobis*, nn. 34-35.

vocacionadas¹⁰⁷. A preparação e a continuidade do 2º Congresso Vocacional passam pela eficácia de tais equipes.

b) Espiritualidade da animação vocacional

116. A atividade vocacional requer coragem, persistência, resistência e muita perseverança. Muitas vezes os desafios e dificuldades são enormes. Animadores, animadoras, vocacionados e vocacionadas são tentados e muitos terminam desistindo. Por essa razão, hoje, mais do que nunca, sente-se a necessidade de uma espiritualidade vocacional, capaz de oferecer aos que estão em processo de discernimento e àquelas pessoas que os acompanham a graça e o ânimo para seguirem em frente¹⁰⁸.
117. Tal espiritualidade, encarnada e libertadora, fundamentada na Palavra, deverá ser capaz de dar sentido à existência humana, ajudando as pessoas a perceberem os apelos divinos dentro da história, inclusive nos seus aspectos mais sombrios e sofridos. Por isso ela precisa contemplar duas dimensões interativas: a mística e a ascese. Através da experiência mística a pessoa é envolvida pelo mistério Daquele que nos amou primeiro (cf. 1Jo 4,10) e que, pelo seu Espírito, habita em cada coração humano (cf. Rm 8,11). Enquanto ascese, a espiritualidade consiste no desejo, na vontade e no esforço para acolher o dom da vocação (cf. 2Pd 1,3-11). Portanto, sem espiritualidade o ânimo se esvai, a prontidão se dilui e o dinamismo vocacional desaparece.
118. Nessa espiritualidade um lugar de destaque deve ser dado a Maria. Ela, como afirmou o Concílio Vaticano II, "é o tipo da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo" (LG, 63). Por essa razão, aquela que acolheu com um Sim perfeito o convite do Pai, se torna um modelo e um exemplo para a Igreja e para cada vocacionado e vocacionada. A Mãe de Jesus nos ensina a sermos comunidade geradora de novas vocações para o serviço de Deus e da humanidade. Além disso, para cada pessoa que recebe o chamado divino, Maria é exemplo de acolhimento da vontade divina, da relação com a Trindade e da disponibilidade para o serviço, segundo o projeto do Pai. Ela

¹⁰⁷ Cf. CNBB, *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Diretrizes Básicas*, Paulinas, São Paulo, 1995, n.º 29.

¹⁰⁸ Sobre esta questão veja-se OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Espiritualidade do Animador e da Animadora Vocacional*, em *Espírito* 83 (dezembro 2000), pp. 2-17; ID., *Evangelho da Vocação*, pp. 135-145.

também nos ajuda a permanecer de pé, a não retroceder, mesmo quando a resposta ao chamado é o amor à Igreja comportarem cruz e sofrimento¹⁰⁹.

c) Itinerário vocacional

119. O contexto de pós-modernidade no qual estamos vivendo alerta-nos para uma terceira urgência. Hoje não basta organizar a atividade vocacional e buscar uma espiritualidade profunda. Além desses requisitos, o serviço de animação vocacional deve considerar atentamente a questão do *itinerário*. Este caminho de cultivo e acompanhamento das vocações deverá ser levado muito a sério e observado em todas as suas etapas¹¹⁰.
120. O itinerário vocacional começa com o *despertar*. Já neste período é importante ajudar os vocacionados e vocacionadas a descobrirem as dimensões antropológica, cristã e eclesial da vocação. Feita esta primeira etapa do percurso, o serviço de animação vocacional deve ajudar as pessoas a *discernir* os sinais indicadores do chamado de Deus. Uma vez trabalhado o discernimento, será necessário *cultivar* os germes da vocação percebida. Tudo isso através de um *acompanhamento* sério capaz de levar vocacionados e vocacionadas a uma opção consciente livre e responsável¹¹¹.
121. Falar de itinerário vocacional é o mesmo que falar de *clareza* quanto aos objetivos, as metas, os métodos e a pedagogia¹¹². Hoje, muitas vezes, não levamos em consideração estas questões. Quando não há atenção para esses elementos a animação vocacional corre o risco de se tornar superficial e favorecer falsas vocações ou, pelo menos, aquelas imaturas. O futuro da atividade vocacional e da própria Igreja vai depender muito da maneira com a qual iremos considerar o itinerário vocacional. O 2º Congresso Vocacional deverá contribuir para que todas as instituições eclesiais realizem um esforço sério e permanente de acompanhamento e cultivo das vocações. No contexto atual não é possível abdicar desse esforço¹¹³.

¹⁰⁹ Cf. *Documento Conclusivo* do 2º Congresso Internacional das Vocações, nº 17.

¹¹⁰ Sobre esta questão veja-se OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Evangelho da Vocação*, pp. 83-100.

¹¹¹ Cf. CNBB, *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*, nº 27.

¹¹² Cf. *ibid.*, nn. 40-43.

¹¹³ Cf. *ibid.* nº 50.

Para meditar e responder em grupo:

a) Em nossas comunidades existe uma experiência eclesial trinitária? De que maneira ela se expressa?

b) Existe no povo uma consciência clara da universalidade do chamado à santidade? Qual a concepção de santidade que prevalece na mentalidade das pessoas que participam de nossas comunidades?

c) Qual a realidade dos ministérios em nossa comunidade? De que tipos de ministérios a comunidade precisa? Quais os que já existem?

d) Estamos dando o devido valor à Palavra, à Liturgia e à Caridade na nossa animação vocacional? O que ainda precisamos fazer?

Para dinamizar a terceira parte deste texto

Montar na entrada da igreja, capela ou centro comunitário um painel tendo, ao centro, o ícone da Trindade e ao redor dele fotografias e nomes de pessoas da comunidade que são veneradas pelo seu testemunho de santidade. Destacar os nomes dos mártires. Acrescentar de um lado, numa determinada cor, a lista dos ministérios existentes e, do outro lado e em outra cor, aqueles que a comunidade ainda precisa. Caso se ache oportuno, acrescente-se também os nomes das pessoas que atualmente exercem algum tipo de ministério ou serviço na comunidade.

CONCLUSÃO: AS TRÊS DIREÇÕES CONVERGENTES

122. O caminho percorrido até aqui apontou para *três direções* significativas e convergentes. Vimos, num primeiro momento a *memória* dos últimos 40 anos da animação vocacional no Brasil. Isso nos permite situar o 2º Congresso Vocacional dentro de um processo e dentro de uma história concreta. Não estamos começando do nada, mas estamos inseridos dentro de um percurso rico e cheio de muita vida e dinamismo. No segundo momento fomos iluminados pela Palavra. Ela nos ajudou a perceber que a vinha do Senhor ainda precisa de muitos trabalhadores e trabalhadoras. Muitos deles continuam a espera de serem chamados. Por fim, no terceiro momento, foram feitas algumas reflexões teológicas e indicadas diversas propostas para a animação vocacional.
123. "Deus distribui seus dons com liberdade e as necessidades da Igreja exigem o cultivo multiforme das vocações"¹¹⁴. Mas a ação de Deus e as urgências da comunidade não se concretizam sem a nossa participação. Este texto-base quer contribuir para que a Igreja no Brasil assuma sempre mais "a sua missão de geradora e educadora de vocações"¹¹⁵. Uma questão vital como esta, a das vocações, deve estar no coração de cada Igreja local e deve ser preocupação de cada cristão, e de cada cristã. Todos os batizados e batizadas devem se sentir responsáveis por esta causa, transformando a própria preocupação e responsabilidade em ações concretas.
124. Cabe ao serviço de animação vocacional sensibilizar as consciências, de modo que o problema das vocações esteja no centro de todo tipo de projeto e de planejamento pastoral. E

¹¹⁴ *Ibid.*, nº 43.

¹¹⁵ *Ibid.*, nº 31.

para que tudo isso seja possível, a animação vocacional, a equipe vocacional, os serviços vocacionais devem ter lugar prioritário em todos os âmbitos da Igreja diocesana¹¹⁶. Esse trabalho de sensibilização depende muito dos animadores e animadoras vocacionais. Sem a colaboração direta deles não é possível motivar nossas comunidades e dinamizar as atividades em favor das vocações. A Igreja no Brasil conta com a participação e a atuação de um número cada vez maior de pessoas envolvidas nessa tarefa tão significativa. Somente assim todos os batizados e batizadas terão condições de assumir com entusiasmo a própria vocação e missão.

125. O 2º Congresso Vocacional do Brasil deseja ser uma oportunidade para fazer avançar ainda mais o dinamismo vocacional de nossas Igrejas. Para isso é preciso que todas as forças vivas de nossas comunidades estejam comprometidas com a divulgação, o estudo, a reflexão, a oração deste acontecimento eclesial tão significativo. Que ele seja um verdadeiro mutirão vocacional. Ninguém se sinta excluído ou dispensado de participar. Neste momento ressoe forte no coração de cada um e de cada uma as palavras do Senhor: "Ide também vós para a minha vinha!" (Mt 20,4)

¹¹⁶ Cf. *ibid.*, nn. 31-32.

ORAÇÃO DO 2º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL

*Senhor da Vinha e Pastor do Rebanho,
somos tua Igreja, Povo de Deus a serviço da Vida.
Cria em nós a consciência missionária,
ajuda-nos a sermos co-responsáveis na Evangelização,
a escutando teu mandato:*

Ide também vós para a minha vinha!

*Dá-nos, Senhor, servidores do teu Reino:
bispos, presbíteros, diáconos,
irmãos e irmãos de Vida Consagrada
e cristãos leigos e leigas.
Que todos respondam com alegria e disponibilidade
à tua convocação:*

Ide também vós para a minha vinha!

*Transforma o coração da tua Igreja.
Que ela seja acolhedora de todas as vocações,
saiba discernir com sabedoria a diversidade
de dons e carismas suscitados pelo teu Espírito
e esteja atenta às necessidades do teu Povo,
especialmente dos pobres e excluídos
e respondendo ao teu apelo:*

Ide também vós para a minha vinha!

*Senhor, faze que, sob o olhar carinhoso de Maria,
mãe e modelo de todos os vocacionados,
possamos trabalhar juntos na tua vinha. Amém!*

Conceito do Cartaz

O princípio que norteou a criação da proposta apresentada é este: a atualização do chamado evangélico. Cada cristão, nas mais diversas circunstâncias, é convidado a trabalhar na vinha do Senhor.

A cena construída é o retrato desse momento: são dois jovens que se identificam com os jovens de hoje; o convite é feito através de um cartaz afixado em uma parede - cena comum e atual, que faz parte do cotidiano da maior parte das pessoas.

A linguagem fotográfica confere realismo à cena graças à riqueza de luzes e sombras que garante a sensação de movimento e profundidade. A luz está no cartaz; o movimento é feito em direção a ele. As personagens e também o observador do cartaz fazem o mesmo movimento.



PEDIDOS:

CNBB Regional Sul II - Fone:(41)224-7512 Fax:(41)223-5388
Rua Saldanha Marinho, 1266 - 80430-160 / Curitiba - Paraná
ou no site: www.sav.org.br / Email: cnbb@cnbbs2.org.br